

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TRIÂNGULO MINEIRO – CAMPUS UBERABA
Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica
Mestrado Profissional em Educação Tecnológica**

FÁBIA NÚBIA MOURA E SILVA

**ENTRE O TRABALHO E A POBREZA: JEAN BAPTISTE DE LA SALLE E
AUGUST HERMANN FRANCKE E O INÍCIO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

**Uberaba - MG
2022**

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TRIÂNGULO MINEIRO – CAMPUS UBERABA**
Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica
Mestrado Profissional em Educação Tecnológica

FÁBIA NÚBIA MOURA E SILVA

**ENTRE O TRABALHO E A POBREZA: JEAN BAPTISTE DE LA SALLE E
AUGUST HERMANN FRANCKE E O INÍCIO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Instituto Federal do Triângulo Mineiro – Campus Uberaba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Gestão das organizações e políticas para a Educação Tecnológica e Profissional (Linha 3)

Orientador: Prof. Dr. Luciano Marcos Curi

Uberaba - MG
2022

FÁBIA NÚBIA MOURA E SILVA

**ENTRE O TRABALHO E A POBREZA: JEAN BAPTISTE DE LA SALLE E
AUGUST HERMANN FRANCKE E O INÍCIO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Instituto Federal do Triângulo Mineiro – Campus Uberaba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Gestão das organizações e políticas para a Educação Tecnológica e Profissional (Linha 3)

Orientador: Prof. Dr. Luciano Marcos Curi

Uberaba, 28 de junho de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano Marcos Curi
(IFTM – Orientador)

Prof. Dr. Adriano Eurípedes Medeiros Martins
(IFTM – Membro Interno)

Prof. Dra. Ana Lúcia Araújo Borges
(IFTM – Membro Interno)

Prof. Dra. Maria Rita Nascimento Pereira – Suplente Dr. Otaviano Pereira
(IFTM – Membro Externo)

“... a época explica o indivíduo e o indivíduo exprime sua época”

(Lucien Febvre apud: Reis, 1996, p.43)¹

¹ REIS, José Carlos. **Annales**: a renovação da História. Ouro Preto: Editora da UFOP, 1996, p.43.

AGRADECIMENTOS

A despeito de todas adversidades, conclui-se mais um ciclo. Agradecer é antes de mais nada reconhecer. E nesse momento reconheço o papel que cada um teve em minha vida ao longo dessa jornada. Minha família, em especial meus pais, Paulo e Alaise, e minha irmã Fabiana, que sempre me apoiaram, incentivaram e acolheram quando precisei. Espero um dia poder retribuir, como mais uma forma de agradecer.

Minha gratidão ao meu orientador, professor Luciano Marcos Curi, por ser exemplo de profissional, educador e historiador. Além de profissional, foi exemplo de compreensão e acolhimento. Serei eternamente grata.

Aos meus colegas e amigos da Turma 06 do MPET, pelos melhores almoços, debates e acolhimento ao longo da nossa jornada.

Aos meus professores ao longo do curso, da linha três de pesquisa, levarei cada um de vocês na memória.

Aos meus amigos presentes nos momentos decisivos, Alexandre, Eduardo e Fabiana. Tudo foi mais fácil com o carinho e generosidade de vocês.

Aos professores Adriano Eurípedes Medeiros Martins, Carlos Antônio Silva e Ana Lúcia Araújo Borges, pelas contribuições e sugestões na qualificação e professora Maria pela participação na banca de defesa.

RESUMO

A Educação Profissional adquiriu grande importância nas últimas décadas e também avançou, em comparação ao passado, à medida que passou a preconizar e praticar os princípios de Educação Tecnológica. Contudo, essas conquistas qualitativas precisam ser melhor conhecidas até para sua consolidação, proteção e ampliação. Estudar os personagens que iniciaram a Educação Profissional é uma forma de valorizar a aproximação histórica que ocorreu entre Educação Profissional e Educação Tecnológica ao longo do século XX e início do século XXI. Mostrar a história da Educação Profissional de outrora com suas mazelas para valorizar as conquistas já realizadas e permitir que outros avanços progressistas sejam construídos para o futuro. Academicamente, o estudo aqui apresentado se caracteriza como pesquisa aplicada, qualitativa, descritiva, exploratória, bibliográfica e documental e se justifica pela existência de pouquíssimos trabalhos sobre os autores e inexistem, pelo menos até agora, trabalhos comparativos das duas atuações. Muitos dos trabalhos que existem abordam outras atuações de La Salle e Herman Francke, e colocam em segundo plano suas contribuições para a Educação Profissional. Ademais, notadamente no caso de Herman Francke a bibliografia em língua portuguesa é escassa e muitas vezes ele é apenas citado esporadicamente noutras obras, quase sempre sobre a temática religiosa e sua colaboração nesta área.

Palavras-chave: Educação Popular. Educação Profissional. Pobreza. Trabalho. La Salle. Herman Francke.

ABSTRACT

Vocational Education has acquired great importance in recent decades and has also advanced, compared to the past, as it began to advocate and practice the principles of Technological Education. However, these qualitative achievements need to be better known even for their consolidation, protection and expansion. Studying the characters who started Vocational Education is a way of valuing the historical approximation that took place between Vocational Education and Technological Education throughout the 20th century and the beginning of the 21st century. Presenting the history of Vocational Education in the past with its difficulties to value the achievements made and allow other progressive advances to be built for the future. Academically, it is an important study because there are very few works on the authors and there are not, at least until now, comparative works of the two performances. Many of the works that exist address other performances by La Salle and Herman Francke and put their contributions to Vocational Education in the background. Furthermore, notably in the case of Herman Francke, the bibliography in Portuguese is scarce and he is often only cited sporadically in other works, almost always on the religious theme and his collaboration in this area.

Keywords: Popular Education. Vocational Education. Poverty. Work. La Salle. Herman Francke.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	João Batista de La Salle.....	31
FIGURA 2	August Hermann Francke.....	52
FIGURA 3	A Fundação Francke em Halle/S.....	59
FIGURA 4	Visão geral da Fundação Francke.....	59
FIGURA 5	Edifício original do orfanato da Fundação Francke.....	63
FIGURA 6	Edifício original do orfanato da Fundação Francke – 2009.....	63

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1 FORMAÇÃO PARA O TRABALHO MANUAL DO OCIDENTE.....	15
1.1 Origens das Corporações de Ofício	16
1.2 Corporações de Ofício na história Ocidental.....	20
1.3 O Declínio e extinção das Corporações de Ofício	23
1.4 A Educação dos Pobres no Ocidente	26
1.5 Infância e Educação no século XVII	27
1.6 O surgimento da Escola Moderna	29
2 JEAN BAPTISTE DE LA SALLE: DEDICAÇÃO AO MAGISTÉRIO	31
2.1 A trajetória de Jean Baptiste De La Salle	33
2.2 Educando os pobres com devoção.....	39
2.3 La Salle e a Educação Profissional	43
3 AUGUST HERMAN FRANCKE: EDUCANDO A POBREZA	51
3.1 A trajetória de Herman Francke	52
3.2 O movimento petista.....	53
3.3 Herman Francke e a Educação Profissional	57
4 LA SALLE E HERMAN FRANCKE: UM ESTUDO COMPARATIVO	64
4.1 Educação Profissional na época de Francke e La Salle.....	66
4.2 Atuações comparadas de Francke e La Salle.....	67
4.3 Legados de Francke e La Salle	68
5 PRODUTO EDUCACIONAL	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS	76

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Face a atual conjuntura, é indiscutível e incontornável comentar o prejuízo provocado pela pandemia do novo coronavírus, ocorrida entre 2020 e 2021, cujos resquícios e rescaldos ainda vivemos. A pandemia que enfrentamos nos últimos anos afetou diretamente nossas vidas tanto no desenvolvimento da pesquisa quanto em nosso trabalho. A desarticulação foi imensa, os perigos também.

O presente trabalho busca partir de uma abordagem menos utilizada nos estudos que envolvem a Educação Profissional. A utilização de estudos biográficos-históricos precisa ser mais comum na História da Educação Profissional para completar-lhe lacunas e potencializar nosso conhecimento sobre o passado. As lacunas e controvérsias encontradas foram bastante significativas.

Este trabalho aborda a origem da Educação Profissional e surge da percepção dos preconceitos que a cercam, atualmente em menor escala, como não sendo de igual qualidade e critérios em detrimento, por exemplo, ao Ensino Superior.

O Ensino Técnico, atual Educação Profissional Técnica, também já foi no passado discriminado com relação aos demais cursos da Educação Básica. No Brasil, podemos citar de forma emblemática o caso das Leis de Equivalência do Ensino, mais especificamente as leis nº 1.076, de 31 de março de 1950, Lei nº 1.821, de 12 de março de 1953 e Lei nº 3.552, de 16 de fevereiro de 1959. Tais leis foram criadas com o intuito de colocar fim aos entraves vigentes propagados pelas Leis Orgânicas da Educação, com a finalidade de assegurar a equivalência de acesso através do certificado de curso Técnico Comercial, permitindo ao portador se candidatar a qualquer curso superior através do exame de vestibular e não a apenas cursos relacionados a área técnica comercial, como era até então praticado. A necessidade da promulgação de tais leis que permitem o ingresso e curso em Ensino Superior em área diversa da anteriormente cursada no Ensino Técnico é um forte indício histórico de que ainda era perpetrada a discriminação ao ensino técnico. (MEDEIROS NETA, LIMA, BARBOSA & NASCIMENTO, 228, 2018).

Ainda é comum vislumbrar, em discursos da própria área da Educação, o segundo plano que é destinado à Educação Profissional e isso poderá ser elucidado através da pesquisa histórica que remonta a origem, criação e destinação das primeiras escolas profissionais no mundo.

Na área da História, as pesquisas sobre as gêneses são práticas comuns e sempre importantes para que se possa estabelecer novas abordagens, compreender novos temas e realizar análises a partir de novos pontos de vista e novas formações.

A pesquisa se desenvolverá na modalidade de biografia histórica que envolve os personagens Jean Baptiste De La Salle e August Herman Francke. Ainda, será feita tendo como base na vida de um determinado personagem, narrando sua trajetória e destacando os principais acontecimentos e realizações. Nesta pesquisa, o enfoque será dado à criação do que são consideradas as primeiras escolas profissionais no mundo, por intermédio de La Salle e Herman Francke.

Autores como Franco & Sauerbronn (1984), Manfredi (2002) e Caires & Oliveira (2016) não citam La Salle e Francke nas suas obras sobre História da Educação Profissional no Brasil. Isso não é o apontamento de um defeito, mas uma constatação de quanto ainda precisamos aprofundar nossa compreensão sobre a própria História da Educação Profissional.

O autor Celso Suckow da Fonseca cita Francke e não La Salle. O pesquisador Luiz Antônio Cunha cita os dois em determinados trechos de sua trilogia clássica sobre a História da Educação Profissional². Celso Suckow e Cunha mencionaram os personagens históricos La Salle e Francke que aqui neste estudo tiveram suas trajetórias um pouco mais bem conhecidas.

La Salle é um nome mais conhecido por ter sido beatificado, recebido o título de padroeiro dos professores e por ser considerado o criador das primeiras escolas de formação para Professores, correspondendo atualmente ao Curso Normal, na França, por volta de 1680. La Salle era um sacerdote da Igreja Católica, que em conjunto com outros sacerdotes criou as primeiras Escolas Normais exclusivamente voltadas para a formação de professores, originando a criação da Sociedade das Escolas Cristãs que desenvolveram os primeiros manuais escritos por professores experientes para professores em formação.

Todavia, uma outra congregação católica francesa foi precursora quanto à formação de professores. A escola dirigida pelo abade Carlos Démia (1636-1689), que além de fundar escolas gratuitas para crianças pobres em bairros de trabalhadores, fundou o Seminário de São Carlos (Lyon) em 1666, para formar professores e sacerdotes para as paróquias rurais (GUIMARÃES, 2012 p. 37 apud NUNES, 1981, p. 103-4).

Apesar do pioneirismo de Carlos Démia, suas escolas não tiveram continuidade. Já La Salle, além das escolas terem se mantido e adaptado às novas necessidades, tais métodos são tidos, por muitos pesquisadores, como os precursores da pedagogia moderna. Apesar de não ser amplamente difundido o trabalho de La Salle, as suas metodologias e escolas estão espalhadas pelo mundo até os dias atuais, inclusive por inúmeras cidades do Brasil.

² Trilogia Luiz Antônio Cunha: O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização; O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil; O ensino profissional na irradiação no industrialismo.

Já Herman Francke era um sacerdote adepto do pietismo. O pietismo é considerado uma derivação do luteranismo alemão, que iniciou sua vida como professor de teologia e grego em universidades da atual Alemanha. Em decorrência da fé luterana é expulso de várias cidades que não aceitaram tanto fervor religioso. Após tal período, por volta de 1695 recebe o convite para se tornar pároco na comunidade de Halle. Alegando perceber as necessidades dos órfãos daquele lugar, inaugura as primeiras escolas eclesiásticas para os orfãos pobres de sua comunidade, que mais tarde foram chamados de “*desvalidos da sorte*” e “*deserdados da fortuna*”.

As escolas receberam grande apoio da comunidade pois acolhiam os órfãos e os ensinavam artes e ofícios para que lhes fosse dada destinação assim que alcancem idade suficiente para sobreviver de seu trabalho. Antes da criação dessa escola que acolhia os *deserdados da fortuna* ou *desvalidos da sorte*, o ensino era destinado apenas aos filhos das classes mais abastadas. Com o acolhimento e destinação dados aos órfãos, as primeiras escolas para pobres são criadas na Alemanha, servindo de modelo para outros países. Ainda que as Artes Liberais³ continuassem a ser benefício apenas das classes favorecidas, os ofícios⁴

³ Artes aqui citada refere-se às Artes liberais cujo conceito é aplicado às disciplinas chamadas *trivium* - gramática, retórica e lógica - e *quadrivium* - aritmética, geometria, música e astronomia - introduzido por Marciano Capella, no século V, com a publicação de sua famosa obra *De nuptiis Mercurii et Philologiae*. Nela são estabelecidas as sete disciplinas liberais dignas dos homens livres, sendo um grupo dedicado à palavra e outro à ciência dos números e medidas. Durante o século XV, Leon Battista Alberti (1404-1472), publica o livro *De pictura* (1436), seguido de *De statua* (1464) e *De re edificatória* (1485). O pintor e escritor italiano tenta conquistar para as artes visuais um novo lugar na sociedade, defendendo-as e explicando-as intelectualmente - através de tratados como os que defendiam a poesia - de forma inédita. A partir do início do século XVI, disciplinas como História, Filosofia Moral e Literatura passam a integrar as artes liberais e a fazer parte da educação considerada ideal para o homem daquela época. Pintura, escultura e arquitetura, consideradas artes vulgares por sua relação com os trabalhos manuais, elevam-se ao universo das artes liberais com a ajuda dos humanistas italianos, principalmente de Leonardo da Vinci (1452-1519) que, a partir do argumento de Alberti, luta com mais empenho e disciplina, pela dignidade da pintura e por uma nova posição social para o artista, que deve ser aceito como um criador, dotado de inteligência e nobreza, e não mais como alguém limitado ao trabalho manual. As atividades classificadas como artes mecânicas são socialmente desprestigiadas e pouco honrosas, enquanto os profissionais ligados às artes liberais gozam de honras, distinções e privilégios. Com a ascensão da atividade artística à categoria das artes liberais, os artistas passam a ocupar uma nova posição hierárquica na sociedade, ganhando poder e respeito. No século XVIII, as principais artes liberais são a pintura, a escultura, a arquitetura, a navegação, a retórica, a poesia, a geometria, a picaresca (arte da equitação), a impressão e a cunhagem de moedas. ARTES Mecânicas. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo33/artes-mecanicas>>. Acesso em: 24 de Jun. 2021. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

⁴ Ofícios ou Artes mecânicas são termos usados para designar as artes executadas tanto de forma manual como com o uso de máquinas, que envolvam utilidade prática e não estética. Durante a Idade Média, na Europa, pintores, escultores e arquitetos estão associados ao conceito de artes mecânicas, de forma pejorativa, por este estar diretamente associado ao trabalho. Essa associação perdura até a metade do século XV, quando vários artistas e escritores de arte começam a se posicionar em favor de sua condição de arte liberal, destacando-se Leon Battista Alberti (1404-1472) como o precursor desse pensamento. Leonardo da Vinci (1452-1519) integra esse grupo, mas segue considerando a escultura uma arte mecânica. Até o século XVIII, em documentos e contratos de trabalho da época, ainda é visível a existência de duas artes profissionais - as artes liberais e as artes mecânicas - com diferentes posições hierárquicas na sociedade, sendo a primeira cercada de privilégios e respeito e a segunda pouco honrosa e desqualificadora para quem a exerce. ARTES Liberais. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de

poderiam ser aprendidos pelos mais pobres.

O momento histórico é de suma importância para compreendermos o contexto histórico e social em que atuam La Salle e Hermman Francke. La Salle e Francke viveram uma época anterior à Revolução Industrial. Portanto, a História da Educação Profissional não se inicia com a Revolução Industrial. Além disso, viveram antes do Iluminismo e da Revolução Francesa e mesmo do liberalismo.

Ao analisar a biografia dos dois personagens aqui escolhidos, acredita-se ser possível traçar um panorama que ensejou a criação das primeiras escolas de modelo profissional do mundo e que remontam o porquê de ainda encontrarmos comparativos e divisão entre o Ensino Técnico e o Ensino Superior. Nesse momento, é importante destacar o caráter assistencialista e religioso que envolve o trabalho de La Salle e Hermman Francke.

Esta pesquisa é um chamado e um alerta sobre a importância da História de modo geral, da história da educação de modo particular e da história da educação profissional e a compreensão de suas singularidades de modo muito específico.

A seguir, um quadro relaciona as obras dos dois personagens:

D'ARAULES, Pierre. **S. João Batista de La Salle**. Porto Alegre: Livraria Santo Antônio, 1960. 122 p. Tradução livre do Irmão Fabiano Pedro.

FRANCKE, Hermann. **Memoirs of Augustus Herman Francke**. Philadelphia: Scgolar Select, 1830. 180 p.

GALLEGO, Saturnino. **São João Batista de la Salle: fundador dos irmãos das escolas cristãs**. São Paulo: Edições Loyola, 1993. 218 p. Tradução Pe. Ruperto Antônio Jaeger.

KOCH, Rosalie. **August Hermann Francke, der Armen- und Waisen-freund: ein Lebensbild: 1863**. Alemanha: German Edition, 2018.

KOCH, Rosalie. **August Hermann Francke: Der Armen- und Waisenfreund**. Alemanha: German Edition, 2019.

LA SALLE, São João Batista de. **As regras de cortesia e de civilidade cristã**. [S.L.]: Leituras Católicas, 2003. Disponível em: http://www.salverainha.com.br/downloads/Regras_de_civilidade.pdf. Acesso em: 22 fev. 2021.

LA SALLE, São João Batista de. **Meditações de São João Batista de La Salle**. Porto

Alegre: Livraria Santo Antônio, 1953. Disponível em: <https://alexandriacatolica.blogspot.com/p/qualquer-quanti-tem-grande-valor.html>. Acesso em: 22 fev. 2021.

LA SALLE, São João Batista de. **Honrar o Ministério: A dimensão educativa nas meditações da La Salle**. Canoas: Editora Unilasalle, 2013. 232 p.

LA SALLE, São João Batista de. **Guia das Escolas Cristãs**. Canoas: Editora Unilasalle, 2012. 320 p.

RANGEL, Mary; WESCHENFELDER, Ignácio Lúcio. **A didática a partir da pedagogia de La Salle**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

SODERSTROM, Michelle A. Clifton. **Angels, Worms, and Bogeys: the christian ethic of pietism**. Eugene: Cascade Companions, 2010. 113 p.

STEIN, Armin. **Der Seelenarzt: aus dem leben august hermann franckes**. Alemanha: German Edition, 2012.

ST JEAN BAPTISTE DE LA SALLE (Paris). Secrétaire Général de La Société D'économie Sociale. **A. Delaire**. Paris: Librairie Victor Legoffre, 1902. 210 p.

August Hermann Franckes Bildungskonzept im Spannungsfeld von Pädagogik und Theologie. Alemanha: German Edition, 2015.

1 FORMAÇÃO PARA O TRABALHO MANUAL NO OCIDENTE

Antes de adentrar no tema Corporações de Ofício, em si, é importante relembrar o significado histórico do Trabalho. Segundo Manfredi (2002, p. 09), o trabalho é “considerado uma atividade social para garantir a sobrevivência do homem e para organizar e fazer funcionar a sociedade.” Ou seja, desde que o homem surgiu, teve origem o trabalho, como sendo a atividade em que o homem transforma a natureza para que possa sobreviver. Ainda ressaltando o conceito de trabalho:

[...] existem três distinções em relação ao trabalho humano: por ele, diferenciamos-nos dos animais; é uma condição necessária ao ser humano em qualquer tempo histórico; e o trabalho assume formas históricas específicas nos diferentes modos de produção da existência humana. [...] Antes, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de se apropriar da matéria natural numa forma útil à própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. (MARX, 1983, p. 149)

Ao longo do processo de mudanças históricas do homem, o trabalho passa por transformações e determinados tipos de divisões. Nas sociedades primitivas, a divisão do trabalho era determinada pelo sexo. Nas sociedades agrícolas, trabalhavam homens, mulheres, jovens e crianças; com destaque para o trabalho com Artesanato⁵. Com exceção do ramo têxtil e produção de utilidades domésticas, o trabalho em atividades artesanais com ferro, pedra, madeira e outros materiais será atividade masculina por vários séculos. Aqui, é importante destacar que artesanato é toda atividade que não passa por um processo manufaturado.

Com o desenvolvimento da agricultura durante a Baixa Idade Média, o aperfeiçoamento dos instrumentos e equipamentos, aparecimento das cidades e das guerras, surge a demanda por uma maior complexidade na divisão do trabalho. Assim, surgiram classes sociais diferenciadas que dão origem às Corporações de Ofícios, que separavam o trabalho manual do intelectual; isso mais tarde acaba sendo ampliado com a manufatura e industrialização. Neste contexto surgem as noções de profissão.

⁵ Neste sentido importante destacar que o conceito de Artesanato referem-se ao trabalho realizado com as mãos (artesão + ato), e difere-se do conceito atual de artesanato como ato da cultura popular.

1.1 Origens das Corporações de Ofício

Ao longo dos estudos históricos, não há um consenso sobre a origem específica sobre as Corporações de Ofício. Isso se deve principalmente ao fato de que todo fato histórico é construído com o passar do tempo. Não se forma um fato histórico do ‘dia para a noite’.

Apesar das divergências historiográficas, partindo da análise da historiadora Mônica Martins (2007), a interpretação predominante, que parece ser a mais acertada a seguir, é que as Corporações começam a surgir na Baixa Idade Média. Nesse momento, tal ponto de vista tem sido predominante para a maioria, apesar de algumas vozes discordantes.

Quando se realiza a busca por regulamentações, menções históricas, por organizações profissionais, mais tarde denominadas de Corporações de Ofícios, é possível já no Código de Hamurabi, na antiga Mesopotâmia, por volta do XVIII a.C., se perceber regulamentações referentes às organizações comerciais e seus negociantes.

No Oriente, também existiam associações, principalmente dos proprietários de oficinas. No Egito Antigo, já existiam monopólios para as construções dos templos, entre uma associação de construtores específicos. É importante ressaltar que:

[...] devemos nos lembrar: que desde épocas imemoriais os obreiros e artesãos do Egito tinham constituídos grupos especializados profissionalmente reunidos, sempre ligados ao seu trabalho especializado e aos seus domicílios. (PAULA, 1966, p. 63).

No entanto, historicamente, algumas interpretações acreditam que a semente das Corporações de Ofícios é encontrada no sistema greco-romano. Fala-se em semente uma vez que os modelos das sociedades tanto grega quanto romana ainda se baseavam, predominantemente, na produção rural e escravista. Com tal modelo de produção econômica, se tornava na maioria das vezes inviável ou desestimulante uma associação que efetivamente não promoveria cooperações. A maior parte das associações que foram criadas ou eram de cunho religioso ou político.

Há de se destacar que os modelos romanos de associação e de colaboração profissional eram predominantemente formados por escravos. Com o passar do tempo, as associações, já denominadas de confrarias, reuniam grande parte da população principalmente com o objetivo de resguardar um sepultamento digno, além de promover banquetes regularmente.

O aumento da produção agrícola na sociedade romana, principalmente do trigo, deu origem a uma demanda por mão de obra que não era mais suprimida pelos escravos. Os homens livres passaram a vender suas horas de trabalho para auxiliar nessa produção. Como as

associações antes contemplavam a reunião tanto de patrões, quanto de escravos e homens livres, se concentrava restritivamente ao culto religioso em comum.

Com o prestígio adquirido pelas associações, passou a ser necessária a concessão de autorização do Estado para criação de grupos profissionais. No entanto, essa questão de prestígio é controversa entre os historiadores, uma vez que existe uma forte corrente que acredita que o Estado regulamenta tais associações como forma de controlar um movimento, que, ao que tudo indica, surgiu de forma espontânea na sociedade. Sendo assim, mais tarde, o controle dessas associações passou ao Estado, que autorizava a criação, fornecia alimentos e em troca exigia prestação de serviços. Passam-se de associações voluntárias para associações com autorização estatal. Dentre elas, existiam as associações dos construtores, padeiros, açougueiros, funerárias, dentre outras. Algumas com mais ou menos prestígio.

Todas as associações passaram a ser hereditárias. Em 406, no auge do declínio romano, os padeiros foram proibidos de casar-se fora de sua associação. Os artesãos perderam a liberdade e ficaram submetidos ao ofício hereditário ⁶, onde o filho de um carpinteiro deveria ser forçadamente um carpinteiro. As associações tornaram-se obrigatórias e o Estado, o ditador das normas. Isso se deveu ao fato de que toda mão de obra romana se baseava na escravidão. Com a queda do número de escravos, a solução encontrada foi o ofício hereditário. (PAULA, 1966)

O trabalho manual no Império romano era atribuído aos escravos, que após conseguirem sua alforria dão origem à nova classe dos ex-escravos, que faz crescer vertiginosamente o grupo de artesãos. Essa classe de artesãos era classificada como intermediária, face à origem preconceituosa do trabalho manual. (PAULA, 1966)

Com o autoritarismo imposto, além das migrações germânicas e a própria desaglutinação da sociedade romana, o êxodo para o campo ocorreu de forma maciça, fazendo surgir uma nova classe, a dos colonos. Essa classe era livre, mas desde que iniciassem seu trabalho na terra alheia, não poderiam a abandonar.

Um das associações mais conhecidas em Roma era a dos padeiros. Ela desempenhava uma função pública. Por tal motivo, era proibida a venda dos materiais e desistência da profissão. Os padeiros patrões eram aqueles do topo da lista das associações e deveriam dirigir a padaria por pelo menos cinco anos. A mão de obra era essencialmente escrava (estrangeiros

⁶ Essas imposições se devem à desorganização da sociedade romana em fase de declínio. O governo, sem saber exatamente o que fazer, baixava determinações de obrigações e tentava fixar os indivíduos em seus lugares para evitar a dissolução da sociedade romana.

ou condenados por crimes comuns) e os pães, produzidos com trigo do Estado, eram distribuídos à plebe. Algumas associações eram mais prestigiadas que outras, recebendo honrarias e benesses do Estado.

Nem toda a atividade das corporações estava destinada ao Estado. Este reivindicava para si uma parte fixa de produção. Um exemplo disso temos na corporação dos tecelões que devia fornecer uniformes militares ao exército, tanto sob a forma de tributos como sob a forma de material a ser adquirido pelo Estado. Outro exemplo conhecido é o dos obreiros de lã da cidade de Cízico que deviam fornecer anualmente ao Estado uma quantidade fixa de clâmides militares. (PAULA, 1966, p. 44).

Ainda é importante destacar a importância política adquirida pelas associações durante o apogeu do Estado romano, sempre sendo objeto de intervenção e preocupação dos Imperadores romanos, passando por fases de proibição e controles estatais. E ainda, quando do início das crises econômicas, a dependência das associações para sustentar o Estado romano, inclusive com incentivo para criação de novas modalidades. Destaque aqui para a semelhança desses colegiados/corporações às guildas.

Devemos observar ainda que esse tipo de associação assemelhava-se bastante às guildas escandinavas, pois tinham o objetivo de assegurar os benefícios da mutualidade em diversos ramos da indústria e do comércio de uma cidade ou de uma determinada região. Os germanos tiveram também organizações similares e as conseguiram impor a partir do momento em que o mando político de Roma periclitava, chegando ao fim. (PAULA, 1966, p. 65).

As associações distribuídas pelas províncias não eram vistas com bons olhos pelos romanos. Apesar dos empecilhos para suas criações, as associações cresceram pelas províncias, mas se limitavam principalmente às formas religiosas, profissionais e funerárias. As associações de Roma eram consideradas as mais poderosas do período, seguidas pelas associações da Gália, região que atualmente corresponde ao território da França, partes da Bélgica e da Alemanha e ao norte da Itália; onde se destacavam as associações dos carpinteiros, obreiros de construção, mercadores de madeira, os armadores de marinheiros. Tais associações possuíam enorme influência na sociedade, prestigiando a burguesia que comercializava e era patrona desses serviços. O Estado, observando o crescimento e potencial das associações, passou a fazer uso das mesmas para controlar a população e aumentar a arrecadação dos impostos (PAULA, 1996).

Na Espanha, houve também muitas associações, como a de mercadores de azeite na

Andaluzia, bronzeiros em Itálica, carpinteiros em Córdoba, vendedores de pescado em Cartagena, sapateiros em Osme, pedreiros em Tarragona e Barcelona, bombeiros em Tarragona e Sevilha. Na Bretanha (Inglaterra) também existiram muitas associações nas cidades, à semelhança dos colégios de Roma, Itália e Gália. (PAULA, 1966)

A partir de tais análises, é possível concluir que associações de interesses comuns existem desde que existe o Artesanato. As associações romanas são as mais citadas tanto por terem papel diretamente ligado às corporações surgidas na Idade Média, quanto por serem de origem europeia. Isso não significa que as corporações surgidas em outras regiões, ou em outras civilizações sejam menos relevantes ou mereçam menos atenção. Na lei romana, *corpora* ou *collegia* eram as associações voluntárias de indivíduos que compartilhavam a mesma profissão ou função na sociedade.

As associações foram extintas no período das Migrações Germânicas⁷ e só voltaram a renascer por volta do século XII, a partir das transformações ocorridas no sistema feudal, recebendo diferentes designações nas várias regiões da Europa: *mercadantia* ou *collegia notariorum*, na Itália; *confréries*, na França; *guilds*, na Inglaterra, Suécia e Holanda; *Innungen*, *Gilden* ou *Zünfle*, na Alemanha; *grêmios*, na Espanha e em Portugal.

Como toda pesquisa histórica parte de diferentes interpretações historiográficas em fontes variadas. Uma parte dos historiadores tende a fixar como ponto de origem das Corporações de Ofícios, a Baixa Idade Média. No entanto, outra tendência, é de recuar a origem das Corporações de Ofícios à Antiguidade romana. Segundo Mônica Martins,

O surgimento das corporações de ofícios remete-nos às similares entidades surgidas na Roma antiga. Na Lei Romana, *corpora* ou *collegia* eram as associações voluntárias de indivíduos que compartilhavam a mesma profissão ou função na sociedade (MARTINS, 2007, p. 22).

Então é preciso esclarecer e perguntar: o que temos na Antiguidade romana são instituições diferentes que inspiraram as Corporações de Ofícios medievais ou já eram as próprias corporações? As Corporações de Ofícios medievais - o Artesanato - tinha numa mesma instituição social três funções bem definidas: produção, aprendizagem e comércio. Será que as congêneres mesopotâmicas e as antigas *collegia* romanos eram assim também? Essa é uma indagação que ainda permanece e será respondida a partir da análise histórica.

Segundo Lopes Gonçalves (1952, p. 171-191) apud Martins (2007, p. 24),

⁷ O termo historiográfico “Invasões Bárbaras” foi substituído pelo termo “Migrações Germânicas” demonstrando que a evolução semântica faz parte da História. (AMARAL, 2014)

[...] as corporações teriam desaparecido da Europa por volta do século IV, e “o lento retorno do povo à liberdade acaba por produzir no século X o claro aparecimento das corporações, forma aperfeiçoada das associações mútuas de outrora”. Dessa forma, as guildas e as organizações sociais e religiosas reuniam fundamentalmente artesãos e comerciantes, atividades profissionais que tiveram papel decisivo no processo de desenvolvimento comercial e renascimento das cidades. Assim, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento das guildas contribuía para a ampliação e organização das atividades artesanais urbanas, o desabrochar das corporações de ofícios via-se inevitavelmente atrelado ao processo de expansão das cidades e do comércio.

Apesar das crises geradas no sistema romano, as associações artesanais e obreiras não deixaram de existir, e seus vestígios sempre serão notados no pano de fundo do sistema romano, ainda que em decadência. As corporações que surgem como força motora da Idade Média, tem traços bastante semelhantes às associações surgidas no Império romano. Dentre esses traços podemos destacar a intenção de monopólio de um ramo comercial específico e de promover seus interesses, além do vínculo de solidariedade e de ajuda mútua (MARTINS, 2007).

1.2 Corporações de Ofício na história Ocidental

De acordo com Le Goff, a periodização indica uma ação humana sobre o tempo e sublinha que seu recorte não é neutro. Segundo o autor, uma periodização jamais é um ato neutro ou inocente, mas é obra do homem sendo simultaneamente artificial e provisória, evoluindo com a própria história. Ela permite controlar melhor o tempo passado, mas também sublinha a “fragilidade desse instrumento que é a história” (LE GOFF, 2015, p. 29).⁸

A partir dessa análise, o declínio do Império Romano e conseqüente surgimento da Idade Média foi um processo de médio a longo prazo e não rompeu bruscamente com os hábitos, costumes e instituições romanas. Sempre existem vestígios, influências.

O que ocorreu na transição entre o Império Romano e a Idade Média não foi diferente. Muitas leis, costumes e saberes do mundo greco-romano foram preservados. O exemplo

⁸ De acordo Le Goff, “Com a periodização, o historiador formata uma concepção do tempo e simultaneamente oferece uma imagem contínua e global do passado, que acabamos por chamar ‘história’”. “Aquilo que é atualmente ‘história’ constituiu-se em seguida de maneira lenta, primeiramente em saber particular, depois em matéria de ensino”. Encontramo-nos “mais próximos da realidade e de uma periodização que permite um uso fácil e ao mesmo tempo rico da história se considerarmos que períodos longos foram marcados por fases de mudanças importantes, porém não maiores: subperíodos que para a Idade Média chamamos de “renascimentos”, no cuidado de combinar o novo (‘nascimento’) e a ideia de um retorno a uma idade de ouro (o prefixo ‘re’, que faz voltar atrás e subentende semelhanças)” (LE GOFF, 2015, p. 33-38, p. 132)

principal da preservação das novas relações humanas está na origem da principal instituição da Idade Média surgida no sistema romano: a Igreja Católica.

A vida do homem no início da Idade Média dependia diretamente do campo. As cidades que ainda existiam eram mantidas com base no trabalho do campo. No entanto, essas atividades eram limitadas e dependiam dos ciclos da natureza. Em decorrência da dependência dos ciclos naturais e dos poucos instrumentos de trabalho, essa produção agrícola do campo era primordialmente de subsistência. Toda a sociedade, fosse considerada rica, pobre, cristã ou judaica, vivia basicamente sob as mesmas condições pela dependência da natureza. As relações eram de dependência mútua. (OLIVEIRA, 2012, p. 120)

A Cultura letrada fora preservada graças aos mosteiros. Dentro dos mosteiros, em decorrência do predominante Voto de silêncio, a palavra era difundida através da escrita do que ficaram conhecidos como monges copistas – responsáveis pela reprodução de obras já criadas. Coube a esses monges o papel de difundir e preservar os conhecimentos adquiridos no mundo grego e romano.

Portanto, de um lado temos o trabalho manual no campo e de outro o trabalho intelectual dos monges copistas.

Retomando a influência romana, surgiram durante a Idade Média as Guildas e as Corporações de Ofícios. Com o crescimento comercial entre Europa e Ásia, a formação de cidades e a diversificação de atividades profissionais no ambiente urbano teve como consequência, as formações associativas, identificadas como Corporações de Ofícios ou guildas.

As principais características das Guildas ou Corporações de Ofícios eram a proteção mútua, a solidariedade, a difusão de valores religiosos, sociais e familiares, a formação técnica dos aprendizes, a tradição do processo de ensino-aprendizagem pela oralidade, que se compunham de mestres, jornaleiros/companheiros/operários e aprendizes e eram separadas nas duas classes de artesãos e comerciantes (MARTINS, 2007, p. 45).

As Guildas eram associações formadas por artesãos profissionais e independentes que surgiram na Baixa Idade Média e estavam relacionadas ao processo de renascimento comercial e urbano. O principal objetivo das guildas era proteger os interesses de seus associados e manter os privilégios conquistados e geralmente existiam em cidades com mais de 10 mil habitantes. Existiam ainda, as Guildas que não apresentavam a relevância econômica, mas que, tinham caráter religioso, beneficente ou de lazer. (MARTINS, 2007, p. 48).

Já as Corporações de Ofícios, como próprio nome sugere, referiam-se à associação de profissionais do mesmo ramo. Em cada cidade existiam várias corporações de artesãos: dos

padeiros, carpinteiros, ourives, pedreiros, construtores, etc. Essas corporações possuíam regras para ingresso na profissão e controlavam a quantidade e valor dos produtos produzidos. As corporações controlavam a qualidade dos produtos produzidos, evitando a concorrência desleal, além de proibir a entrada de produtos semelhantes aos produzidos naquela cidade.

As Corporações de Ofícios possuíam regulamentações próprias, denominadas de ordenações de ofício. Dentre as previsões estavam o controle da qualidade e técnica, e os trabalhadores associados deveriam realizar o pagamento mensal de determinada quantia para manter a associação.

Dentro das associações – Corporações ou Guildas – existia uma hierarquia. Em primeiro lugar, Mestre/Companheiro ou oficial (lembrando companheiro do mestre) e abaixo de todos estes estava o aprendiz, que trabalhava em troca da aprendizagem do ofício, não recebendo pagamento para tanto; inclusive alguns aprendizes pagavam pelo aprendizado recebido.

Os Mestres deveriam aceitar os aprendizes, pois eram eles que detinham o conhecimento, as ferramentas e forneciam a matéria-prima. Os aprendizes muitas vezes eram parentes e residiam com o Mestre. Após o período de aprendizado, o aprendiz se tornava oficial e só mais tarde tornava-se Mestre. Com o passar do tempo, mais ao final da Idade Média, se tornava cada vez mais difícil tornar-se Mestre, obter a mestrança.⁹

As corporações foram uma forma de incentivo ao aumento da produção. Os comerciantes vendiam o que era produzido pelos artesãos. Com isso, surge uma nova classe, que passa a explorar a mão de obra manufaturada da época: a burguesia.

Segundo o historiador Le Goff, foi a partir das Corporações de Ofícios que surgem os chamados intelectuais da Idade Média. As Universidades, segundo o autor, foram criadas a partir das corporações. De acordo com Le Goff, “[...] acerca das Universidades do século XIII e XIV, podemos defini-las como centros ambivalentes e repletos de contradições [...]”, e ainda reforça a oposição entre o trabalho manual e intelectual, que para ele “[...] já encontrava implícito o sentido de separar as duas atividades humanas” – manual e intelectual. (LE GOFF, 1989)

As corporações possuíam santos padroeiros para cada profissão, estatutos que previam obras de caridade para seus membros - mutualidade ou cooperação - e os exteriores, além de pregarem a devoção e piedade. Isso ocorria inclusive no Brasil. Dentre os exemplos, podemos

⁹ Para obter a mestrança, o aprendiz deveria produzir a obra-prima, ou primeira obra. Demonstrando que já dominara a Arte do Ofício. Importante ainda ressaltar que nem todos os pais conseguiam vaga para seus filhos nas corporações. Em alguns casos, os pais não tinham dinheiro e em outros, os mestres já estavam com suas oficinas lotadas e não recebiam mais aprendizes que pagassem com trabalho pelo próprio aprendizado.

citar: no Rio de Janeiro, os oficiais mecânicos eram representados no Senado da Câmara pelos mestres. Nesta cidade, foram muito importantes as irmandades de São José, compreendendo os ofícios de pedreiros, carpinteiros, ladrilheiros, marceneiros, e a de São Jorge, que congregava os ofícios ligados à fundição de metais, como funileiros. Existiam também as irmandades de Santo Elói, à qual pertencia o ofício de ourives, e de São Crispim e São Crispiano, associada ao ofício de sapateiro. As corporações eram ligadas diretamente ao caráter religioso cristão que dominava o período e, ainda segundo Mônica Martins, seria uma forma de a Igreja continuar a exercer seu controle sobre essas associações (MARTINS, 2007).

As Universidades e as Corporações de Ofícios influenciaram o surgimento das primeiras Escolas Técnicas, objeto deste estudo, conforme observou-se a partir das obras de Francke e La Salle.

É importante notar que todo burguês, durante a Idade Média, pertencia a alguma Corporação, que eram protegidas pelos magistrados, reis e pela Igreja. As corporações intelectuais recebiam o nome de irmandade. As Corporações de Ofícios eram responsáveis por sustentar a irmandade e seus rituais religiosos, que dela dependiam para a segurança e intervenção perante o setor público de suas atividades. Toda e qualquer corporação deveria fazer parte de uma irmandade para ser considerada incluída social e politicamente. (MARTINS, 2007, p. 21)

Nesse momento histórico já surgiam as primeiras manifestações contra a Igreja Católica. E este pertencimento religioso determinava a inserção e lugar do indivíduo junto à corporação. Para Martins o papel das irmandades era fundir religião e economia:

Os valores religiosos e econômicos se misturavam e se traduziam em uma forma específica de lidar com o trabalho e com as relações de produção e comércio desempenhadas por estas entidades, para as quais o costume e a palavra desempenhavam papéis fundamentais. (MARTINS, 2007, p. 39).

Como a religiosidade ditava as regras sociais do período, era constante o elo entre o espiritual e o material, inserindo valores a serem seguidos pela sociedade.

1.3 Declínio e extinção das Corporações de Ofício

Contextualizando a transição da Idade Média para a Idade Moderna há pontos que merecem destaque para que se possa compreender o universo em que as Corporações de Ofícios adentrarão.

A Idade Média é considerada o período de maior duração da história ocidental. O

período final da Idade Média, chamado de Baixa Idade Média, foi marcado por grandes transformações. Dentre elas, algumas influenciaram diretamente na nova organização mundial, originando a denominada Época Moderna. A primeira delas foi a Guerra dos Cem Anos, travada entre a Inglaterra e a França, entre 1337 a 1453; uma epidemia de Peste Negra, que matou um terço da população europeia entre 1347 e 1351; os primeiros levantes revoltosos contra a Igreja Católica; as grandes navegações intercontinentais, que descobriram e colonizaram novos territórios. E o novo movimento conhecido como o Renascimento Cultural, onde Deus deixa de ser o centro dos estudos e o Homem passa a ocupar seu lugar. Este foi o cenário que deu início a nova era, hoje classificada como Época Moderna.

Com as mudanças ocorrendo em toda sociedade, as Corporações de Ofícios adquiriram novos papéis. O objetivo das corporações era de alcançar cada vez mais autonomia, podendo discutir e ocupar lugares semelhantes aos da burguesia. Apesar das lutas, a autonomia acabou não sendo alcançada. Durante toda a Idade Média as corporações zelaram pelo justo preço, o que assegurava uma concorrência leal. Com as novas expansões e conquistas, o novo cenário não manteve tais condições e o justo preço foi substituído pelo preço de mercado. Com a colonização das Américas, alguns burgueses começam a ficar muito ricos o que desequilibra a situação dos burgueses que gradualmente vão controlando cada vez as corporações.

As corporações, além do papel de ajuda mútua, com o grande prestígio adquirido na Baixa Idade Média, possuíam grande influência política. Como sempre havia alguns mestres mais ricos que outros, ao praticar o preço de mercado, os mestres mais ricos acabavam aniquilando a concorrência dos mestres com menos condições financeiras, uma vez que os mais ricos detinham maior prestígio com os magistrados e os governantes locais. Isso já enfraqueceu as corporações. (PAULA, 1966, p. 65)

Além disso, os companheiros dificilmente conseguiam passar à condição de mestres, o que levou a criação de novas corporações com regras distintas que reivindicavam mínimas condições de trabalho. O que antes era uma associação de ajuda mútua, adquire o caráter de intra-classe. Os oficiais que lutavam por salários mais justos, passam a ter suas corporações consideradas ilegais o que leva ao seu declínio (PAULA, 1966, p. 71).

O Mestre Artesão, que antes acumulava as funções de fabricante, negociante, lojista e empregador perde suas funções de lojista e negociante dando lugar ao intermediário. Esse intermediário nada mais era que o burguês mercador, que buscava cada vez mais lucro e acúmulo de riquezas. Como as regras das corporações impunham limites a estes intermediários, tornaram-se um empecilho. Através da expansão marítima os mercados se tornaram internacionais, enfraquecendo as corporações de ofício já dando início as manufaturas.

Com a burguesia ditando as regras do comércio, e as corporações sem força de reação, suas produções passaram a ser domésticas, com o trabalho desenvolvido nas oficinas dos mestres mas com fornecimento de matéria-prima pelos intermediários. Desta forma, os mestres passaram a meros assalariados, o que perdurou entre os séculos XVI a XVIII.

O fim do processo de artesanato deu lugar às manufaturas, que apesar de ainda não serem o método industrial, já praticavam a divisão técnica do trabalho coligada ao trabalho manual, como forma de aumentar a produção.

Ao final do século XVIII, ganham força as ideias de Adam Smith que fundamenta o liberalismo econômico. A combinação entre o liberalismo e a Revolução Industrial deu origem às fábricas modernas. As poucas Corporações de Ofícios que ainda se mantinham foram aniquiladas pela nova proposta do capitalismo de produção em série, com alto rigor de fiscalização, sem manter todo processo produtivo na mão de um único homem. Toda proposta das corporações de ofício se desfaz, acusadas de atrasadas e de monopolizarem o mercado.

Segundo Martins,

O advento da revolução industrial e a instalação do capitalismo a título de Sistema econômico da vida em sociedade, tornou as relações profissionalizantes, por tradição, em força de trabalho das fábricas, modificando as relações de produção, individualizando os trabalhadores, perdendo o significado coletivo, solidário e mútuo, que os ofícios tinham nas corporações (2007, p. 12).

A partir do Capitalismo industrial, as Corporações de Ofícios passaram a ser categoricamente classificadas como arcaicas, obsoletas e monopolistas. Antônio Rugiu, historiador, analisando o período de decorada as Corporações de Ofícios:

[...] sob vários aspectos dessa derrocada sistêmica: 1) desde o século XIII, já havia secularização e valorização econômica do tempo. Isso denota que o trabalho dos mestres artesãos estavam sendo substituído, aos poucos, pelas ideias mercantis. 2) a ideia de produção e circulação de mercadorias deveria ser desvinculada da intervenção do Estado e delegada aos grandes comerciantes e negociantes; 3) os artesãos foram paulatinamente sendo substituídos pelos operários, que não necessitavam mais de mestria artesanal, filosofia do ofício ou ideologia que lhe possibilitasse transformar e criar ao longo do processo de produção. (RUGIU, 1998, p. 130- 131).

A figura do Mestre perdeu o lugar e o comerciante passa a ser o centro de toda relação de produção, inclusive face à lei, com a criação dos Atos de Comércio. Com isso, a antiga ideia, trazida pela da Idade Média, fora modificada para acolher o liberalismo econômico e extinguir a figura dos Mestres. A personalidade e a valorização da habilidade deram lugar ao uso da

máquina e o capital que passaram a ser o centro de toda produção fabril do século XIX.

Percebemos assim, o fim de uma tradição, na clássica temática tão cara a essa época o duelo entre Tradição & Modernidade, permanência e mudança, cultura e modo de produção que marcou um longo período e que dará origem a uma nova forma de organização social responsável pela nova divisão econômica. Com essa nova divisão surgirão as primeiras escolas profissionais na França e Alemanha, como forma de amparar e dar algum tipo de ocupação aos “desvalidos da sorte, desafortunados”.¹⁰

1.4 A Educação dos Pobres no Ocidente

Após o declínio do Império romano, surgiu uma nova sociedade que ficou conhecida como sociedade feudal. Nesse modelo de sociedade hierarquizada, a posição social, praticamente estamental, era definida pelos títulos e/ou posse de terras ou o nascimento. No século XI, o bispo Adalberon de Laon escreveu:

A lei humana impõe duas condições: o nobre e o servo não estão submetidos ao mesmo regime. Os guerreiros são protetores das igrejas. Eles defendem os poderosos e os fracos, protegem todo mundo, inclusive a si próprios. Os servos por sua vez têm outra condição. Esta raça de infelizes não tem nada sem sofrimento. Quem poderia reconstituir o esforço dos servos, o curso de sua vida e seus inúmeros trabalhos? Fornecer a todos alimento e vestimenta: eis a função do servo. Nenhum homem livre pode viver sem eles. Quando um trabalho se apresenta e é preciso encher a despensa, o rei e os bispos parecem se colocar sob a dependência de seus servos [...] A casa de Deus que parece uma é portanto tripla: uns rezam, outros combatem e outros trabalham. Todos os três formam um conjunto e não se separam: a obra de uns permite o trabalho dos outros dois e cada qual por sua vez presta seu apoio aos outros. (HILÁRIO, 1987)

A Igreja, além de exercer a função religiosa, como possuía o poder político e social, ficou com a responsabilidade de cuidar da educação. A divisão social se ressaltava no modelo de educação, onde os pobres e sua maioria eram analfabetos e as classes mais abastadas eram alfabetizadas.

A origem da Educação profissional no Brasil coincide com a vinda da Família Real portuguesa para o País. De acordo com os apontamentos de Giordani:

¹⁰ As corporações de ofício foram extintas de forma gradativa pelo mundo, com destaque para: França em 1791, Inglaterra em 1814, Brasil em 1824, Portugal em 1834, dentre outras.

Assim, respaldados pelos princípios da reforma desenvolvida desde o século XVIII, em Portugal, foi instituído um novo aparelho escolar no Brasil Colônia (MARTINS, 2008).

Segundo Cunha (2005a), localizadas no Rio de Janeiro e, de forma secundária, na Bahia, as primeiras instituições destinaram-se ao Ensino Superior. Nesse sentido, foram criadas, no Rio de Janeiro: a Academia da Marinha, as cadeiras de anatomia e cirurgia (1808); a Academia Real Militar (1810); o curso de Agricultura (1814); o curso de Desenho Técnico (1818) e a Academia de Artes (1820). Na Bahia, foram criadas as cadeiras de Cirurgia e de Economia Política (1808); o curso de Agricultura (1810) e o curso de Química (1817). Outros lugares também tiveram, porém de forma menos efetiva, instituições de Ensino Superior, como a cadeira de Matemática Superior, em Recife ou Olinda (1809) e a cadeira de Desenho e História, em Vila Rica (1817). De acordo com Cunha (2005a), o objetivo de tais instituições era a preparação de pessoas especializadas na guerra, na produção de mercadorias e na prestação de serviços (GIORDANI, 2019, p. 48-49).

A nova forma de propor a educação para os pobres na Europa, especialmente o modelo proposto por La Salle chegou ao Brasil por volta de 1886, quando em São Paulo os padres salesianos fundaram o Liceu Coração de Jesus. Foram instaladas oficinas para a aprendizagem do ofício de mecânica, marcenaria, alfaiataria, sapataria e topografia. (CUNHA, 2005, p. 50-54)

A vinda da Família Real para o Brasil, implantando as reformas pombalinas, e a criação dos liceus no modelo de La Salle, proveram uma mudança significativa na proposta de formação para os pobres.

1.5 Infância e Educação no século XVII

Com a crise iniciada na Idade Média – declínio do Poder concentrado na Igreja Católica e início do novo modelo comercial, surge com grande força durante a Baixa Idade Média, uma nova classe de comerciantes que ficou conhecida como burguesia.

Como a burguesia passou a ditar as regras comerciais, tanto de produção quanto de comercialização, passa a determinar os novos anseios culturais, valorizando o novo movimento que mais tarde foi classificado como Humanismo.¹¹

A partir do movimento Humanista que surgiu na Itália e se expandiu pela Europa a partir do século XV, a sociedade passa a valorizar o conhecimento racional, e a Educação, antes papel

¹¹ O Humanismo foi o movimento que antecedeu o Renascimento e foi marcado pela valorização da cultura clássica do racionalismo e do espírito crítico.

da Igreja passa a ser obrigação dos educadores, divididos entre banqueiros, mercadores, literatos, políticos e artesãos que uniriam teoria e prática para o ensino dos alunos. No entanto, ainda não se fala em ambiente escolar para o processo de ensino-aprendizagem, a Educação ainda era responsabilidade da família.

Com o surgimento do movimento conhecido como Reforma Protestante, iniciado a partir de Martinho Lutero, que buscava revitalizar o cristianismo e pôr fim ao autoritarismo da Igreja Católica, pregando uma série de mudanças de ordem religiosas surge um novo cenário em toda Europa.

O movimento protestante teve como seu principal aliado a burguesia e os príncipes alemães desejosos de se livrarem da influência da Igreja Católica e seus principados. E dentre as teses firmadas pelos doutrinadores protestantes, era afirmado o poder da educação como forma de facilitar que todos pudessem ler e interpretar a Bíblia a partir de sua língua e não mais em latim, como até então era pregado. Partindo daí, Lutero, Calvino e Melanchthon, defendiam a Educação pública e universal para todos e que o Estado assumisse tal responsabilidade. (LUZURIAGA, 1959)

Em resposta ao movimento protestante a Igreja inaugurou a chamada Contra-Reforma, que promoveu mudanças internas e passou a assumir algum papel Educacional com a intenção de combater os hereges e pregar a fé católica.

A Companhia de Jesus, da ordem dos jesuítas é considerada por alguns historiadores como a primeira inaugurada para ensino e formação de mestres jesuítas que reproduzissem a fé católica, tendo iniciado tal processo em 1579. A Companhia de Jesus fazia parte do esforço da Contra-Reforma inclusive seu envio para as Américas para catequizar os índios e criar os primeiros colégios no Brasil.

O século XVII foi marcado pelos conflitos valorativos da nobreza feudal e da burguesia. Com a passagem da produção artesanal individual para a produção em galpões, inicia-se o marco de transformação econômica para um mundo capitalista e a formação do Estado Moderno, que recebeu o nome de Manufatura (séculos XVI ao XVIII).¹²

Com a ascensão da burguesia em busca de mais riquezas, a educação sofre o reflexo, pois diferente da Idade Média, agora a nova classe burguesa necessita da ciência para que possa conhecer para transformar. O homem civil passa a ser valorizado, sendo necessária a criação de

¹² A sequência histórica é: Idade Média – Corporações de Ofício; Época Moderna – Corporações de Ofício/Manufatura; Época contemporânea – Fábricas/Escolas Técnica

novas regras para o convívio social, destacando-se as regras de boas maneiras.

Nesse contexto destacam-se os métodos criados pelas iniciativas religiosas e dentre elas as ideias pedagógicas de La Salle.

Jean Baptiste de La Salle que viveu entre 1651 e 1719, na França, era um sacerdote da Igreja católica, que em conjunto com outros sacerdotes criou as primeiras Escolas Normais exclusivamente voltadas para a formação de Professores laicos.

1.6 O surgimento da Escola Moderna

O método proposto por La Salle é considerado como um dos precursores da escola moderna. Apesar de ainda existir a divisão entre o ensino secundário (proposto para os intelectuais) e o ensino profissional (voltado para os trabalhos manuais), a proposta de La Salle inserida de forma efetiva entre os séculos XIX e XX, buscava atuar as duas frentes. (CUNHA, 2005, p. 47)

A origem da escola pública moderna remonta do século XVI. Antes disso, havia tipos de educação organizada, mas a educação com intervenção sistemática e continuada das autoridades públicas só surge após as Reformas religiosas, no início da época Moderna. (LUZURIAGA, 1959)

La Salle é reconhecido como uma dos expoentes a propor uma nova forma de ensino. Além da proposta de não discriminar alunos e receber qualquer um para que lhe fosse oferecido o ensino, de forma gratuita, La Salle propôs novos métodos de ensino. Antes de La Salle, o professor chamava junto a si aluno por aluno: a cada um, individualmente, ia repetindo a lição, enquanto os outros passavam o tempo brincando, brigando, e quase nunca estudando a lição.

La Salle prescreve no Guia das Escolas Cristãs nove meios para estabelecer e manter a ordem nas escolas: a vigilância que o mestre deve exercer na escola; os sinais utilizados nas Escolas Cristãs; os catálogos; as recompensas; as correções; a assiduidade dos alunos e sua pontualidade; a regulamentação dos dias de folga; o estabelecimento de diversas responsabilidades e a finalidade em cumprir bem seus empregos; a estrutura, a qualidade e a uniformidade das escolas e dos móveis adequados a elas. Percebe-se que, para ele, não é possível educar sem condições adequadas, seja para ricos, seja para pobres. Os mestres precisam de boas condições para organizar o ensino. “Organização” será uma palavra-chave no Guia das Escolas. Segundo a tese que defendemos neste ensaio, foi La Salle quem fundou a organização minuciosa dos tempos e espaços escolares que se repete até os dias de hoje nas escolas. (TAGLIAVINI, 2016, p. 25)

La Salle até a atualidade é estudado pelas propostas de método de ensino. No entanto, seu

papel como precursor da Educação Profissional é momentaneamente citado por poucos autores. Por esse motivo desbravar sua história possibilita conhecer sobre essas propostas voltadas para o ensino profissional.

2 JEAN BAPTISTE DE LA SALLE: DEDICAÇÃO AO MAGISTÉRIO

Ao ampliar os estudos sobre os precursores da Educação Profissional, Jean Baptiste De La Salle é citado nas obras de Mario Alighiero Manacorda e de Luiz Antônio Cunha. Na busca pela história de vida e dedicação profissional de La Salle ao magistério há de se destacar, antes de mais nada, a relação indissociável entre sua vida com a religião católica.



Figura 1 – João Batista de La Salle¹³

Sob a égide da Igreja Católica foram publicadas a maioria das obras de autoria de La Salle e sobre ele. Isso se deve principalmente ao fato de La Salle, no ano de 1950, ter sido canonizado pelo Papa Pio XII, se tornando então São João Batista de La Salle, quando passa a ser conhecido como o grande zelador da instrução e da educação da infância e juventude. (BERNARDO, 1952, p. 09-11)

No documento pontifício que integra a obra *Meditações de São João Batista de La Salle para Mestres e Educadores Cristãos*, datado de 1953, publicado pela Livraria Santo Antônio, na cidade de Porto Alegre (RS), podem-se retirar vários fragmentos sobre os pensamentos de La Salle reunidos em um único livro. Dentre estes, na carta de canonização elaborada pelo Papa Pio XII. O primeiro trecho que merece destaque ressalta: “Só é verdadeiro mestre, diz São

¹³ Figura 1 – João Batista de La Salle
Fonte: *Potal o Arcanjo*.

Boaventura, aquele que sabe ilustrar a mente, plasmar o coração e decidir a vontade dos seus discípulos à prática do bem.” (LA SALLE, 1953)

Ao longo da Carta Pontifícia, é destacada a função pedagógica exercida por La Salle, que antes de promover a formação de crianças e jovens fundou, dentro de sua própria residência o que se tornaria o primeiro modelo perpetuado de Escola Normal para a formação de professores que se tem conhecimento¹⁴. Em mais um trecho da carta que merece destaque:

Zelou também pela cuidadosa preparação de mestres, especialmente dos chamados a desempenhar tão grave função entre os habitantes da zona rural, em estabelecimentos denominados ‘*SEMINAIRES DE MAITRES D’ECOLE POUR LA CAMPAGNE.*’ É, pois, com toda justiça que se lhe atribui a fundação desse gênero de escolas, onde se formaram os mestres hoje conhecidos, em todo mundo como ‘*ESCOLAS NORMAIS*’. Por outra parte, foi tal o elevado conceito que o insigne Pedagogo teve da vocação de educador, que não quis se tornassem sacerdotes os membros da Congregação por ele fundada, para não se distraírem das funções do ensino, convencido de ser esse um meio eficaz para progredir na virtude e alcançar a santidade. (Cf. LA SALLE, 1953)

Ao longo da carta papal são destaque a renúncia para a vida religiosa, ao conforto e prestígio alcançados para darem lugar a função de pedagogo e educador, que segundo o próprio La Salle seriam a melhor forma de alcançar a santidade.

E ainda, além do papel de fundador e educador nas Escolas Normais para professores, em sua carta de canonização são destacados sua filosofia profissional como iniciador de regras e métodos para a instrução e educação integral da juventude cristã. E vai além, segundo o Papa Pio XII, não haveria melhor exemplo ao magistério, com todos seus escritos, que não fosse São João Batista de La Salle se tornar o patrono dos mestres e professores, para que seus guias e escritos estimulassem o zelo no desempenho das funções do magistério, apesar de ser esta uma árdua missão. (Cf. LA SALLE, 1953)

¹⁴ Duas congregações católicas francesas foram precursoras quanto à formação de professores. A primeira, dirigida pelo abade Carlos Dêmia (1636-1689), que além de fundar escolas gratuitas para crianças pobres em bairros de trabalhadores, fundou o Seminário de São Carlos (Lyon) em 1666, para formar professores e sacerdotes para as paróquias rurais (GUIMARÃES, 2012 p. 37 apud NUNES, 1981, p. 103-4). Neste trabalho, apesar da relevância de Carlos Dêmia, o mesmo não foi elencado como precursor, pois apesar de seus esforços, suas propostas tiveram fim com ele mesmo, ao contrário de La Salle e Hermann Francke. E infelizmente, não há nenhuma infrmação de que sua atuação tenha influenciado nem La Salle nem Francke. Apesar do pioneirismo de Carlos Dêmia, suas escolas não tiveram continuidade. Já La Salle, além das escolas terem se mantido e adaptado as necessidades; possuía métodos que são tidos, por muitos pesquisadores, como os precursores da pedagogia moderna. Apesar de não ser amplamente difundido o trabalho de La Salle, as metodologias e escolas lassalistas estão espalhadas pelo mundo até os dias atuais, inclusive por inúmeras cidades do Brasil.

As meditações compiladas em um único livro são resultado de cartas escritas por La Salle aos seus Irmãos para reafirmar seus papéis no cumprimento de seus deveres profissionais. A grande maioria une o papel de educador ao da família e do caminho para a santificação, chegando a compará-lo ao apostolado. São várias reflexões relevantes, mas aqui uma das mais marcantes achadas e citadas por La Salle em uma de suas cartas, chamada Ramalhete Espiritual – “O discurso mais incisivo e mais eficaz é o exemplo. Nada será mais persuasivo para os conselhos dados do que um exemplo que mostre a facilidade de praticá-los.” (Cf. LA SALLE, 1953)

2.1. A trajetória de Jean Baptiste De La Salle

La Salle nasceu em 30 de abril de 1651 e faleceu em 1719, em Reims, capital da Champagne, França, governada por Luís XIV e assolada pela desigualdade social. La Salle era o primogênito de dez filhos de uma família rica. Seu pai, Luís de La Salle era Conselheiro do rei Luís XIV, e burguês. Sua mãe, Nicole Moët de Brouillet era nobre. A educação de La Salle foi feita no contexto nobre pautada nos princípios católicos. (RANGEL, 2006, p. 01)

O próprio La Salle em seus livros destaca suas maiores influências religiosas como vindo de seus avós maternos. E ainda, que pertencente a uma classe social abastada e a possibilidade de alcançar prestígio e sucesso na carreira da magistratura, assim, como seu pai.

Aos onze anos de idade, revela à sua família a vontade de seguir carreira sacerdotal. Mesmo contrariado, seu pai lhe apoia na decisão e imediatamente é concedida à La Salle a tonsura, que era o rito de iniciação clerical. La Salle era considerado extremamente dedicado e estudioso, aos 16 anos foi nomeado Cônego da Catedral de Reims, onde sua função era trabalhar com serviços administrativos, auxiliando também na administração da diocese.

La Salle formou-se em filosofia em Reims e em 1668 inicia seus estudos em Teologia. Seu pai, com intuito de aperfeiçoar sua formação intelectual lhe proporciona a continuidade dos estudos na Universidade Sobornne, em Paris, para que recebesse a formação religiosa no Seminário do São Suplício.

Na escola sacerdotal, as práticas de estágio pastoral, incentivavam experiências apostólicas voltadas para as escolas elementares para os pobres. “A partir dessa perspectiva, La Salle pôde observar a necessidade de organizar o melhor preparo dos professores, com atenção à cultura e a formação para o magistério, com competência para ensinar.” (RANGEL, 2006, p. 14)

Apesar da dedicação e avidez pelos estudos teológicos, em 19 de julho de 1671, faleceu sua mãe e logo no próximo ano, seu pai. Como primogênito, La Salle regressa à Reims para cuidar da herança deixada por seus pais e passa a ser tutor de seus irmãos.

Ao analisar as publicações sobre La Salle, vê-se a importância da vida familiar, como administrador dos bens e tutoria dos irmãos para sua formação magisterial como nunca vista até então. Ao encaminhar seus irmãos aos estudos e organizar as finanças familiares, La Salle retoma seus estudos, agora em Reims, e encerra o curso de Teologia em 1676. No dia 09 de abril de 1678 é ordenado sacerdote.

Após sua ordenação sacerdotal, La Salle recebe do Cônego Nicolau Roland, a incumbência de cuidar da Congregação Docente das Irmãs do Menino Jesus. A partir de tal incumbência, o jovem sacerdote percebe a necessidade de conhecer o mundo da educação de seu tempo e os princípios pedagógicos do ensino elementar.

Logo em seguida, em março de 1679, La Salle recebe o jovem professor Adrien Nyel em sua paróquia, e lhe é apresentado o projeto de criação de uma escola gratuita para meninos pobres em Reims. A intenção do professor era obter apoio de La Salle em tal empreitada. Em 15 de abril de 1679, no bairro de São Maurício, em Reims, surge a primeira escola gratuita para os pobres meninos de rua. Apesar do papel de La Salle ainda não ter sido totalmente efetivo, suas orientações pedagógicas surtem efeitos positivamente inesperados, gerando conhecimento e socializações para os meninos moradores de rua. (RANGEL, 2006, p. 14)

Considerando o sucesso alcançado com a primeira escola fundada, o professor Adrien Nyel propõe a criação de outras escolas no mesmo modelo, desde que contassem com a colaboração e comprometimento de La Salle. No entanto, La Salle considerava que os mestres que acompanhavam o Professor Nyel possuíam uma formação precária e insuficiente que para que o modelo das novas escolas voltadas para os pobres das comunidades, exigiria um melhor preparo. Após concluir o doutorado em teologia, em 1680, La Salle convida os professores do Sr. Nyel para sua casa para que lhes fosse ensinado o convívio em comunidade, os hábitos próprios de educadores e novas ideias sobre o hábito de ensinar. Foi um grande passo de La Salle para formar educadores. (RANGEL, 2006, p. 15)

Ao reunir os mestres do Professor Nyel, La Salle foi duramente criticado, pois acolheu-os em sua casa, ofereceu de sua comida, e estes sentavam à mesa contigo e sua família, considerada nobre naquele período. Os professores pertenciam a classe social o chamado Terceiro Estado¹⁵,

¹⁵ O Primeiro Estado correspondia ao clero, o Segundo, à nobreza e o Terceiro, em linhas gerais, o povo ou plebeus.

ou seja, a classe pobre francesa. Por tal motivo, recebeu tantas críticas. Frente a tantos comentários ofensivos, La Salle rompe com seus familiares e aluga uma casa modesta na periferia da cidade de Reims, para onde se muda com os mestres. A partir de então, La Salle passa a enfrentar uma vida de pobreza, sem grande conforto e passando por grandes dificuldades. Ao mesmo tempo, o professor Nyel continua fundando novas escolas por Reims e as deixando aos cuidados de La Salle.

No dia 16 de agosto de 1683, La Salle renuncia sua função na Igreja Católica para tornar-se mais próximos aos mestres que convivia e compartilhava a vida pedagógica. Nesse contexto, em 1684, a França é assolada por um inverno extremamente rigoroso e La Salle, observando a fome e sofrimento dos mais pobres, resolve doar toda sua fortuna aos mais necessitados, tornando-se de fato pobre como seus colegas mestres. Ao analisar os escritos sobre tal ato radical, nota-se que o próprio La Salle considera este ato, de doar sua fortuna aos pobres, o mais favorável a aproximação dos mestres que buscava igualar-se. A partir de então, La Salle não contava com uma posição religiosa de prestígio nem com o conforto de sua fortuna. A partir de tal ato, as escolas deveriam contar com assistência privada de doações para se manterem, e não mais com o dinheiro de La Salle. Apesar do desafio, La Salle ressalta que via tal mudança como algo positivo, onde os princípios que passariam a ser ensinados, seriam também aplicados por ele próprio. (RANGEL, 2006, p. 18)

Com essa mudança da vida e proposta de La Salle, seus colegas mestres decidem denominar-se de *Irmãos* junto aos estudantes. Tal denominação “irmãos” era utilizado desde a antiguidade pelo cristianismo. Tal iniciativa surtiu efeito, e as crianças e jovens recebidos nas escolas de La Salle sentiam a aproximação com seus mestres, o que aumentava a possibilidade de orientá-los. “Graças ao sentido de os mestres viverem como irmãos entre si e irmãos maiores de seus alunos, a pedagogia lassalista, em toda sua história, foi marcada profundamente pela característica da fraternidade.¹⁶” (RANGEL, 2006, p. 19)

Em 1686, La Salle já contava com um grande grupo de professores e decide então realizar a primeira Assembleia. Em tal evento fica decidido que os mestres dedicar-se-iam exclusivamente à educação emancipatória, garantindo-se o princípio básico das escolas lassalista de serviço aos pobres: juntos e por associação. Nasce assim a Sociedade dos Irmãos das Escolas Cristãs. (RANGEL, 2006, p. 20)

As escolas de La Salle rapidamente obtiveram fama fora de Reims, principalmente pela

¹⁶ Fraternidade é um termo oriundo do latim *frater*, que significa "irmão". Por esse motivo, fraternidade significa parentesco entre irmãos.

formação dos professores realizada. Essa formação pode ser considerada como uma das primeiras formações profissionais de nossa história, ao menos uma das que tiveram continuidade, visto que a partir de La Salle e do seu modelo de formação pedagógica, os mestres mudam a sua maneira de trabalhar pedagogicamente; e pode-se dizer que de forma revolucionária, pois inova, cria uma nova forma de ensinar, unindo teoria e prática, o que até então não era fornecido nem nas escolas nem nas Universidades.

Ao alcançar prestígio em Paris, La Salle é convidado pelas autoridades eclesiásticas responsáveis pelas escolas na Paróquia de São Sulpício a lhes enviar alguns de seus mestres. Em 1688, La Salle parte com dois de seus mestres para Paris, dando início à expansão da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs. Apesar de promissor, ainda que desafiador, em Paris La Salle enfrentará seus maiores desafios.

A perseguição às escolas de La Salle serão um marco na sua vida. Em Paris, em 1690, contando com a absurda maioria da classe de analfabetos, dentre estes os órfãos, sendo a maior cidade da Europa, as ‘pequenas escolas’ puderam observar o novo modelo pedagógico proposto por La Salle invadir a cidade. Merece destaque o trecho da obra de Rangel:

[...] com nova metodologia, com excelente organização, com método simultâneo¹⁷ de alfabetização em língua vernácula. Recorde-se que o ensino nas escolas elementares, antes de La Salle, era ministrado individualmente e não a dezenas de alunos ao mesmo tempo. (2006, p. 21)

Nesse ponto, é importante destacar que até então, apenas mestres calígrafos jurados poderiam alfabetizar, em latim, segundo a lei. O método adotado nas escolas tradicionais era o ensino individual. A novidade apresentada por La Salle, considerada por muitos revolucionária, propõe a nova forma de ensino em método simultâneo e em língua vernácula¹⁸ como o inglês na Inglaterra, o espanhol na Espanha e o português no Brasil. As novas metodologias lassalistas provocaram perdas de estudantes nas escolas tradicionais, que se transferem para as escolas de La Salle. A partir daí, são movidos vários processos contra João Batista De La Salle, que se estenderão por mais de vinte anos. (RANGEL, 2006, p. 23)

Além das novidades já apresentadas, nas escolas lassalistas todos, sem nenhuma distinção de condição social, seriam recebidos. No artigo publicado por Tagliavini destaca-se:

¹⁷ O método simultâneo consistia “[...] em dividir as classes ou turmas, segundo as suas forças, e fazer seguir ao mesmo tempo a toda uma classe a mesma lição de leitura, escripta, calculo, etc., isto é, o Professor a cada um em voz alta, e os outros o vão seguindo em seus livros ou cadernos”. Nesse sentido, os alunos valiam-se dos ensinamentos e das leituras feitas pelo professor. (RANGEL, 2006, p. 21)

¹⁸ Língua vernácula é o nome que se dá ao idioma próprio de um país, de uma nação ou região.

La Salle e os primeiros Irmãos, ao instituírem a escola gratuita, não apresentaram nenhuma novidade no que se refere à gratuidade, pois, no século XVII, existiam instituições religiosas que ofereciam o acesso à escola gratuita para os pobres. A novidade das escolas lassalistas estava na instalação de escolas gratuitas para todos os alunos, sem distinção de classe social. Era uma novidade pobres e ricos estudarem juntos. Essa decisão de acolher pobres e ricos na mesma escola foi uma carga muito penosa que La Salle e os primeiros Irmãos tiveram que enfrentar, praticamente durante toda a vida de La Salle, pois, por conta do acesso de todas as crianças às escolas paroquiais lassalistas, houve descontentamento, principalmente dos Mestres Calígrafos, e também dos párocos, que financiavam a abertura e manutenção de escolas em suas paróquias. As paróquias possuíam um catálogo das crianças pobres, e os Irmãos lassalistas criaram o próprio critério de seleção dos alunos. Importante lembrar que se vivia numa época em que o bispo e teólogo francês, Jacques Bossuet (1627-1704), fundamentava a origem divina do poder da monarquia nas sagradas escrituras, justificando que Deus delegava aos monarcas, para manter a ordem e a felicidade de um maior número de súditos, uma autoridade sem limites e incontestável. Nos tempos desse jusnaturalismo de origem divina era mais fácil entender que não se podiam misturar aqueles que Deus havia criado para viverem separados. Era a *ordo ordinum*, a ordem natural das coisas. (2013, p. 19)

Em meio ao projeto audacioso de oferta gratuita de ensino, La Salle se deparou com muitos opositores, dentre eles, grande parte da nobreza segundo a qual se todos os meninos fossem alfabetizados, futuramente não haveria mão de obra para a agricultura. Voltaire, meio século após La Salle repetia essa mesma ideia de que nem todos os meninos deveriam ser alfabetizados e que seria um erro dos Irmãos das Escolas Cristãs ensinar a ler e escrever a todos, pois poderiam não mais se interessar pelo trabalho na terra.

Infelizmente, de lá para cá pouca coisa mudou. A sociedade atual com suas políticas neoliberais não busca inserir os jovens no ensino superior ou profissional, pois como dominadores dos meios de produção, quanto mais barata a mão de obra, melhor para o governo e os grandes empresários. Pessoas que não questionam e que não exigem maiores salários são aqueles que mais favorecem governos liberais e empresários cada vez mais ricos. (RANGEL, 2006, p. 26)

Apesar dos empecilhos, La Salle conseguiu formar uma rede de escolas de qualidade destinadas a todas as classes sociais com envolvimento dos pais.

As escolas para as crianças e jovens pobres obtiveram o sucesso que alcançaram pois foi através de La Salle que foi formulado e executado o primeiro projeto de uma escola que formasse professores, que ensinasse esses profissionais a trabalharem. Esta, hoje, analisando todos os documentos encontrados, é considerada a primeira escola de formação profissional do mundo. Nela, La Salle formava mestres/professores para o trabalho docente, que não possuía

nenhuma ligação com as Universidades da época; foi a inauguração da Escola Normal de formação profissional para a formação do magistério. (RANGEL, 2006, p. 26)

Além desse grande feito, são atribuídos a La Salle a criação das escolas de formação de mestres leigos para o meio rural, cursos aos domingos destinados aos jovens operários, cursos de formação profissional e de uma das primeiras instituições que se tem notícias de reinserção de delinquentes. (RANGEL, 2006, p. 27)

Em algumas obras que mencionam as realizações de La Salle, é possível encontrar, inclusive, menções à ideia embrionária de La Salle de tornar a escola um direito de todos. (RANGEL, 2006, p. 25)

Os desafios, perseguições e os inúmeros processos contra as Escolas Cristãs e La Salle ameaçavam a continuidade da obra construída. Foi então que La Salle e mais dois Irmãos, Nicolas Vuyart e Gabriel Dorlin, decidem selar com um voto a missão de dar continuidade às Escolas Cristãs ainda que enfrentassem escassez e inúmeros inimigos. Tal voto deveria ser renovado anualmente.

Em 1686 La Salle e os principais Irmãos das sete escolas fizeram uma assembleia e decidiram fazer o voto de obediência por três anos com renovação anual. Com esse compromisso a instituição se tornava mais consistente e o bom andamento das escolas era perceptível. No mesmo ano, La Salle e os Irmãos abriram um noviciado para a formação de novos Irmãos com o objetivo de maior qualificação e perseverança na decisão de vida. No ano de 1690 os Irmãos abriram uma escola em Paris, o que causou vários ataques por parte de mestres de outras escolas que cobravam anuidades. Esses embargaram sua escola confiscando todos os materiais. Viram nas escolas gratuitas dos Irmãos uma concorrência desleal, além do que tiravam das ruas a mão de obra barata das crianças pobres. Após duas sentenças, o tribunal deu ganho de causa aos Irmãos e a escola foi reaberta. As escolas dos Irmãos eram gratuitas e os alunos rapidamente migraram das escolas pagas para as escolas gratuitas. A questão da gratuidade das escolas para todos os meninos de todas as classes sociais é uma disputa demasiado longa e foi discutida ao longo dos séculos XVII ao XIX, o que abriu a possibilidade da universalização da escolarização no ensino público e gratuito. (TAGLIAVANI, 2013, p. 21)

Após longas batalhas, La Salle ganha certa tranquilidade após a vitória judicial e passa a escrever Guias e Manuais sobre educação, dentre eles o mais conhecido e traduzido para diversas línguas pelo mundo, *Guia das Escolas cristãs*.

Além das publicações em vida, várias obras de La Salle foram publicadas após a sua morte. Apesar de antigo membro da Igreja católica, La Salle sofreu perseguição do clero, pois não entendiam a intenção de homens leigos, sem pretensão a vida religiosa, se dedicarem totalmente a educação, leia-se magistério. E ainda, com o sucesso das escolas lassalianas os padres e bispos buscavam um papel nas escolas de La Salle como forma de ganhar prestígio. É

importante destacar que La Salle era o único sacerdote ou ex-sacerdote que fazia parte da ordem dos Irmãos.

O ano de 1704 foi bastante penoso para La Salle porque teve que se defender nos tribunais de diversas acusações, sendo condenado a pagar valores altos e proibido de continuar com as escolas de Paris, levando os Irmãos a abandonar várias delas. Esse período de processo e condenações se arrastou até 1706. Em alguns casos até havia aceitação da presença dos Irmãos no trabalho das escolas, desde que aceitassem somente alunos pobres e com o certificado de pobreza. La Salle concebia a escola aberta e acessível a todos os meninos e por isso não concordou com a situação discriminatória e excludente. É importante frisar que todas as escolas eram financiadas e havia garantia dos párocos de condições necessárias para o funcionamento das escolas. As escolas estavam estritamente ligadas à Igreja e faziam parte do currículo escolar as atividades religiosas. Entre 1706 e 1710 foram abertas várias outras escolas, até no Sul da França. De 1679 a 1719, ano do falecimento de La Salle, o Instituto havia implantado 49 escolas, embora nem todas tenham prosperado, mas o fundador deixou a instituição com mais de 20 escolas e aproximadamente 100 Irmãos. (TAGLIAVANI, 2013; p. 23)

Após anos de desafios, o Instituto dos Irmãos se firmou, assumiu a identidade leiga, se desvinculando totalmente do poder clerical. No entanto, após anos à frente do Instituto presenciou a saída e chegada de vários Irmãos, que o deixavam preocupado em relação à experiência que muitos não possuíam.

Com tantas dúvidas pessoais e crises lhe afligindo, resolveu se dedicar à vida eremita e, durante três anos, se refugiou no sul da França, em Parmênia, Grenoble, quando já contava com mais de 60 anos de idade. Durante esse refúgio, La Salle entendeu que a diversidade dos mestres em seu Instituto que cumpriam a missão educativa e cumpriam o papel educacional na comunidade. Tal passo foi determinante para que compreendesse que o Instituto era uma maneira de salvar os meninos pobres de um total abandono ou de qualquer perspectiva futura.

Com os votos assumidos por La Salle junto ao Instituto, em 1714 seu retorno foi reivindicado e ele retorna a Paris e assume suas funções e compreende agora que o Instituto na verdade é o mistério da salvação que tanto prega a Igreja. Em 07 de abril de 1719 La Salle falece. (TAGLIAVANI, 2013; p. 23)

2. 2. Educando os pobres com devoção

A sociedade francesa em que nasceu e cresceu La Salle era demasiadamente estratificada, com delimitações sociais que era dividida em três estados, que somente será extinta com a Revolução Francesa. Nesse cenário de pobreza, beirava a impossibilidade, a mobilidade de

classes e assim, os pobres, grande parte miseráveis, não vislumbravam qualquer possibilidade de mudança futura. Grande parte da população miserável era composta por crianças que se tonavam mendicantes logo cedo.

As paróquias possuíam o cadastro dos pobres; dessa maneira, a realeza destinava algum auxílio para minimizar a desgraça. A maioria das crianças não frequentava as escolas, pois poucas eram gratuitas e as famílias necessitavam das suas mãos e dos seus braços para o próprio sustento. Em 1698, houve uma lei tornando obrigatória a escolarização até os 14 anos, mas mesmo assim muitas famílias não sentiam a necessidade de escola. Esse foi um dos desafios enfrentados por La Salle e os Irmãos: tornar a escola útil para a vida e atrativa para as crianças (POUTET; PUNGIER, 2001, p. 27).

Nesse contexto de pobreza, a França ainda enfrentava Guerras e uma população miserável de viúvas, aleijados e órfãos. A palavra pobre (*pauper*), por sua vez, sofreu uma alteração significativa. Originalmente, tinha um sentido adjetivo, denotando uma qualidade: “uma determinada pessoa é pobre”. Designava pessoas pertencentes a categorias sociais distintas, atingidas por uma carência: um homem pobre, um camponês pobre ou um clérigo pobre. Ao longo do tempo, o vocábulo adquiriu valor substantivo: a pessoa torna-se “um pobre” (MOLLAT, 1966, p. 6-23). A classe abastada procurava soluções que minimizassem os problemas da pobreza, mas sem assumir grandes responsabilidades. Para tanto, deixava a cargo das congregações religiosas as funções de assistência à saúde da população, internatos para os órfãos e algumas pequenas escolas para instruir meninos e meninas.

Os Padres da Igreja, que nos primeiros séculos sistematizaram a doutrina cristã, filtraram as noções pagãs de humanidade e adaptaram-nas ao princípio da caridade, dando origem aos conceitos medievais de pobreza e misericórdia. Deram à concepção cristã da caridade uma abrangência que transforma a humildade espiritual em um impulso em direção a Deus, enquanto procuravam aliviar a humilhação material e social dos pobres. (MOLLAT, 1989, p. 21-23).

Aqui, é importante destacar que a maioria dos documentos fala em educação para meninos. Nesse período, a grande parte dos estudos era privilégio do sexo masculino. Além disso, a inovação maior era todo o ensino ser gratuito.

Foucault produziu uma obra intitulada *Vigiar e Punir*, onde analisou o *Guia das Escolas Cristãs* de La Salle e, nessa análise, ressalta a questão da disciplina invisível aplicada as crianças que frequentavam os cursos oferecidos pelos lassalistas, onde o autor destaca:

O controle obsessivo do corpo infantil decorre do maior medo do docente da Escola Cristã: o pouco tempo que o aluno pobre dispunha para aprender o necessário. Esse medo transparece nas duas primeiras regras para o progresso dos alunos nas lições da escrita. A primeira exigia que os “alunos saibam ler

com perfeição tanto em francês quanto em latim” (La Salle, 2012a, p. 61 [GE 4,1,1]). A segunda regra anula a primeira quando o docente suspeitava de que os alunos “não virão à escola por tempo suficiente para poderem escrever o quanto necessitam” (La Salle, 2012a, p. 61 [GE 4,1,2]). Nesses casos, os alunos ingressavam nas lições da escrita mesmo lendo mal o francês e sem ler o latim. Os lassalistas docilizavam os corpos para que seus alunos aprendessem caligrafia na urgência do tempo. O domínio corporal e intelectual da técnica da escrita permitiria sua ascensão profissional, como Manacorda percebeu. A eficácia no uso do tempo funcionou. Os egressos das Escolas Cristãs ameaçaram os privilégios aristocráticos dos mestres calígrafos, forçando-os a recorrerem aos tribunais do rei para processar os irmãos (Corbellini, 2000, p. 13). La Salle quebrou, deliberadamente, o monopólio do ensino de caligrafia e ameaçou o controle corporativo dos postos de trabalho ocupados pelos calígrafos, únicos legalmente habilitados pela Corte de Luís XIV a vender serviços para confecção de registros públicos com a caligrafia adequada. (PAULY, CASAGRANDE, COBERLLINI, 2018, p. 13)

A imagem trazida por Foucault é refutada por Gauthier quando esse, em contrapartida, deixa claro que o papel da docilização dos corpos aconteceu pela necessidade de que as crianças, advindas as famílias de artesãos e pobres urbanos pudessem adquirir o domínio da escrita, da leitura, dos cálculos e das regras sociais da sociedade aristocrática. Docilizar os corpos era considerada a forma mais rápida e eficaz de educar as crianças para que elas adquirissem autonomia dentro da sociedade em que estavam inseridas. Para que tudo isso ocorresse e funcionasse, a escola deveria se tornar ordenada, cronometrada e uniformizada. No entanto, ao docilizar essas crianças tornavam-nas obedientes, sem que questionassem o seu lugar nessa sociedade hierarquizada e sem se revoltar contra o sistema. (FOUCAULT, 2014)

A pedagogia e a didática experimentada por La Salle permitiam que o estudante lassalista do século XVII, em dois ou, quando muito, três anos de escolarização, rompesse as barreiras da dominação aristocrática. Lauraire (2008, p. 31-33) apresenta um panorama da hierarquia social francesa urbana da época, baseado em Benito Garnot, que supera a visão simplificada dos três estados: clero, nobreza e povo. Há uma complexa hierarquia que pode ser resumida em catorze categorias, assim distribuídas: os que dominam — clero, nobreza e burguesia; os intermediários — oficiais ou empregados da administração, os que viviam de rendas ou investimentos e mestres de ofícios ou artesãos; os dominados — assalariados, criados, agricultores urbanos e diaristas; os excluídos — mendigos sedentários e vagabundos; os inclassificáveis — soldados licenciados e prostitutas. Era aos “assalariados” que a escola lassalista estava destinada prioritariamente. Como insistia La Salle (2012b, p. 197 [GE 16,2,21]), quem dominasse a leitura, a escrita, o cálculo, a catequese e as boas maneiras seria “capaz de tudo”. Ser capaz de tudo implicava, sobretudo, adquirir melhores condições de desempenhar um ofício ou cargo que proporcionasse sustento necessário à sobrevivência. Aprender, em um tempo acelerado pela disciplina corporal e pela organização detalhada do tempo escolar, garantia maior probabilidade de o aluno egresso da Escola Cristã desenvolver sua autonomia. (PAULY, CASAGRANDE,

COBERLLINI, 2018, p. 14)

Para se aproximar da realidade na qual foi elaborado o *Guia das Escolas Cristãs*, Lauraire realizou um levantamento sobre o contexto histórico de sua elaboração. A primeira conclusão a que chegou foi a de que a escola era a única forma de ascensão social na sociedade francesa do final do século XVII; e isso explica a preocupação de La Salle e seus Irmãos com o futuro profissional das crianças recebidas. A pedagogia lassalista foi criada e se especializou, e segundo Lauraire:

[...] os destinatários da escola lassalista nascente, e da organização pedagógica pensada e colocada em prática, eram os “dominados”, especialmente os filhos de artesãos e de pobres. O planejamento minucioso da Escola Cristã visava à finalidade pragmática da emancipação pelo trabalho, de modo que os alunos aprendessem a redigir, “por si mesmos, cartas, promissórias, recibos, aluguéis e contratos de trabalho e outras coisas que lhes possam ser úteis posteriormente” (La Salle, 2012b, p. 70 [GE 4,4,14]). Importante lembrar, como afirmado anteriormente, que a escrita desses documentos públicos era privilégio — monopólio legal — dos mestres calígrafos, por decreto real. (PAULY, CASAGRANDE, COBERLLINI, 2018, p. 15)

A maioria das críticas elaboradas por Foucault destaca a disciplina como algo rígido e dominador do corpo infantil no ambiente escolar, chegando a comparar os alunos a membros do exército. No entanto, os maiores defensores de La Salle, pregam que antes da disciplina e domesticação dos corpos, o professor lassalista deveria primar pelo cuidado, pelo amor, pela fraternidade e pela proximidade de seus estudantes.

Esses dispositivos disciplinares identificados por Foucault, se analisados em relação ao tempo, seriam percebidos como prática do cuidado e da relação fraterna, que se traduzem em ações concretas, como a vigilância e o zelo dos professores lassalistas para com as crianças, dos professores consigo mesmos, deles entre si e diante de Deus, além dos alunos entre si. Ou seja, na Escola Cristã, a fraternidade e o cuidado eram vivenciados por meio de práticas e pelo testemunho de vida, como afirma Hengemüle (2012, p. 16): Com os professores marcando presença educativa junto aos alunos, tendo um cuidado criativo com o crescimento deles e mantendo com eles uma relação equilibrada entre firmeza e ternura, e com os alunos ajudando-se uns aos outros, partilhando entre si, exercendo tarefas várias na vida da escola e da sala de aula. (PAULY, CASAGRANDE, COBERLLINI, 2018, p. 15)

O próprio *Guia* chega a mencionar como deveria ser a cadeira para que o professor conseguisse controlar toda sala de aula apenas através do olhar, e que essa vigilância fosse a mais imperceptível possível pelos alunos. No entanto, ao analisar a crítica de Foucault ao

panóptico, parece ser justamente esse o instrumento utilizado pelos lassalistas:

Na verdade, o panóptico faz com que o vigiado não veja o responsável por este poder que controla, mas tem sempre a sensação de estar a todo instante sendo observado. É uma máquina que fabrica bons comportamentos, sem recorrer à força física para que um operário trabalhe, um louco acalme-se, um detento comporte-se bem ou um aluno seja aplicado (FOUCAULT, 2014).

E segundo o *Guia* das Escolas Cristãs:

Ele próprio [o Irmão] dará aos alunos, através de sua modéstia e recolhimento, o exemplo de como devem caminhar” (La Salle, 2012b, p. 100 [GE 8,1,7-8]). Ou seja, o cuidado fraternal, na relação entre professor e aluno, era permeado por práticas como vigilância e zelo. Parece plausível pensá-las como técnicas de cuidado também pelo viés religioso. Os irmãos lassalistas fizeram da sua profissão docente sua profissão de fé ao assumirem a vida religiosa consagrada, rompendo com a tradição milenar da igreja, que até então destinava a vida religiosa consagrada apenas ao sacerdócio. Não eram sacerdotes; eram professores católicos. Ao dirigir-se aos irmãos, La Salle afirma: É preciso, pois, que vosso primeiro cuidado e o primeiro efeito de vossa vigilância no emprego seja estar sempre atentos aos vossos alunos, a fim de impedi-los de praticarem qualquer ação, não somente má, mas nem sequer um pouco inconveniente, levando-os a se absterem de tudo o que tenha a menor aparência de pecado. (PAULY, CASAGRANDE, COBERLLINI, 2018, p. 16)

Em uma de suas obras, La Salle chega a fazer uma analogia entre o papel do mestre e o do estudante. Segundo ele, o educador seria o “irmão mais velho e o anjo invisível.” Isso se deve ao fato de que nessas duas figuras há a obrigação de cuidado, proteção e atenção, não se esquecendo do papel dessa disciplina invisível. Tais menções estão nos textos “Meditações para o tempo do retiro”, indicando que os educadores não deveriam agir com negligência em relação aos estudantes, sendo necessário corrigi-los quando preciso, como afirma La Salle: “Para isso, precisais usar com eles dois meios: primeiro, mansidão e paciência; segundo, prudência nas repreensões e castigos”. (PAULY, CASAGRANDE, COBERLLINI, 2018, p. 16)

Os castigos físicos também foram previstos por La Salle no *Guia*, mas deveriam ser aplicados por outras pessoas, que não os educadores, para evitar conflito que poderia ser instaurado entre as partes na relação estudantes e mestre. Com o passar dos anos tal posicionamento foi revisto pelos lassalistas e já no final do século XVIII quase não eram mais aplicados castigos físicos em suas escolas.

2. 3. La Salle e a Educação Profissional

Os estudos realizados em torno de La Salle destacam o seu papel como inaugurador do modelo de inspiração da pedagogia. A pedagogia segundo La Salle seria o campo de estudo das

práticas educativas. Ou seja, La Salle cria o modelo de ensino aos mestres e professores da prática pedagógica, como ser professor, o que até então não existia. Portanto, antes de falar no ensino voltado às crianças pobres, foi preciso que La Salle desenvolvesse um método de ensino para formar professores que iriam ensinar e acolher esses meninos pobres.

Dentre os principais marcos, La Salle reafirma como espírito da educação os valores de formação humana e social. De acordo com os preceitos de La Salle, não existe prática educativa sem valores, o ato de ensinar é antes de mais nada um ato valorativo, e assim descrito:

Pedi hoje a Deus a graça de velar com tal zelo sobre os alunos a vós confiados, que tomeis todas as precauções possíveis para preservá-los de toda queda grave. Rogai-lhe faça de vós guias tão bons que, graças às luzes adquiridas por vós com seu divino auxílio e pela fidelidade em bem desempenhar-vos do vosso emprego, possais perceber exatamente [...] tudo que lhe possa ser nocivo. (LA SALLE, 1988, p. 451)

Partindo de tais premissas, La Salle propõe práticas pedagógicas que aliem o ensino à aprendizagem do estudante. E para que o ato de ensinar se concretize na aprendizagem são criados princípios e conceitos por La Salle, a serem propagados aos novos mestres que iriam e pretendiam se formar.

A seguir serão apresentados alguns desses princípios e a justificativa do próprio La Salle para eles:

- a) Princípio do afeto: traduziria-se no princípio da inclusão;

No envagelho de hoje, Jesus Cristo compara aqueles que têm direção de almas a um bom pastor que tem grande solicitude pelas suas ovelhas. Uma das qualidades que um bom pastor deve possuir é conhecer todas as ovelhas distintamente. Esta também deve ser uma das atenções primordiais dos que se dedicam à educação dos outros: conhecê-los e discernir o modo de tratar com eles. (LA SALLE, 1988, p. 90)

Estais obrigado a instruir crianças pobres. Por conseguinte, deveis ter-lhes especial carinho e procurar seu bem espiritual quanto vos for possível, considerando-as como membros de Jesus Cristo e como suas amigas prediletas [...]. Mostrai-lhes, por vossa solicitude com elas, que as amais de fato. (LA SALLE, 1988, p. 209)

- b) Princípio do diálogo e do exemplo: cabe ao professor ouvir e ensinar;

Muito reduzido e de pouco fruto e eficácia seria vosso zelo para com vossos alunos, se se limitasse a palavras. Para torná-las eficazes, é preciso que o vosso exemplo confirme as vossas instruções. Isto será a melhor característica de vosse zelo. (LA SALLE, 1988, p. 466)

- c) A importância do espaço e da organização, pois “é preciso que a escola vá bem”: o espaço escolar e da sala de aula deve ser satisfatório, propício aos processos de ensino e de aprendizagem. E no processo se valorizam a assiduidade e a pontualidade dos estudantes. Tais pontos levam à disciplina.

Sumo cuidado terão os mestres de que todos os alunos estejam na aula e que um sequer chegue atrasado, a não ser por justas razões e por necessidade. Serão muito exatos em observar esse ponto... (LA SALLE, apud JUSTO, 1991, p. 100)

- d) A disciplina: compreendem as condições reunidas de interesse e organização para aprender. Apesar dos rigores de sua época, La Salle foi inovador ao pregar menor rigor em relação às punições disciplinares.

As crianças, assim como os adultos, dotados que são de razão, devem ser corrigidos como seres racionais e não como bichos.” (LA SALLE, 1988, p. 470)

Abstende-vos de repreender alguém quando agitados por uma paixão, porque então a correção seria prejudicial, tanto ao educando como a vós mesmos. (LA SALLE, 1991, 232)

Nunca devemos corrigir um aluno movido por sentimento de aversão, por nos magoar, ou por não lhes termos simpatia. (LA SALLE, apud JUSTO, 1991, p. 230)

- e) A relação prática-teoria-prática - o ensino contextualizado: La Salle propõe na nova modalidade de ensino, a língua pátria ou vernácula e não mais em latim, pois segundo ele estava preparando os mestres para a vida e o trabalho, de forma contextualizada. “La Salle abriu, por isso, ao lado dos cursos de magistério, uma escola de aplicação, onde os futuros professores, após uma preparação adequada, se exercitassem, orientados por um mestre experimentado na difícil arte do magistério.” (JUSTO, 1991, p. 2018)
- f) A transposição didática: Segundo La Salle seria a transposição da teoria à aprendizagem do estudante, conforme sua idade e fase escolar. La Salle pregava a proximidade do mestre ao aluno, com linguagem acessível e aproximação familiar. “Não lhes ensinai as verdades com palavras estudadas – escreve La Salle. Procurem [...] fazê-lo de modo singelo, com vocabulário que lhes seja familiar, para compreenderem facilmente o que lhes explicais.” (LA SALLE, apud JUSTO, 1991, p. 218)
- g) O princípio das metodologias múltiplas: nas escolas lassalistas dever-se-ia buscar variar os

métodos de ensino, buscando aqueles que mais facilitassem a aprendizagem, sempre voltando para aqueles a quem se destina o ensino. “Com efeito, com alguns é preciso usar de mais bondade; com outros, de mais firmeza. Este exige paciência, enquanto aquele necessita constantes incentivos ao esforço.” (LA SALLE, 1988, p. 90)

h) A aprendizagem como meio de emancipação social:

Uma didática centrada em meios, em ambiente, em planejamento pela e para aprendizagem de pessoas postas à margem de níveis e padrões essenciais de qualidade de vida atende a um princípio consolidado neste século, que se expressa na própria forma como se nomeia o objeto dos estudos e práticas didáticas: ensino-aprendizagem do conhecimento, que é um valor, um direito social, um compromisso da escola e da família. (LA SALLE, 1988, 207)

Fazer com que os pais compreendam a obrigação de darem instrução aos filhos e o prejuízo que lhes causam ao não lhes darem oportunidade de aprenderem a ler e escrever e o quanto isso lhes pode ser danoso, pois nunca serão capazes de nenhum emprego. (LA SALLE, 2006, p. 1)

i) O princípio das decisões coletivas - a integração: Nas escolas lassalistas valoriza-se a relação, a afetividade, o encontro. Nenhuma decisão deve ser tomada de forma isolada, sem um projeto pedagógico. Sendo assim, os professores de um mesmo ciclo, ou fase se reúnem para formular as propostas pedagógicas a seguir. “Se lhes tiverdes a firmeza de pai, a fim de os retirar ou afastar a desordem, deveis igualmente consagrar-lhes ternura de mãe, para afeiçoá-los às vossas lições e fazer-lhes todo o bem que depender de vós.” (LA SALLE, 1991, p. 235)

j) O princípio da organização e do planejamento: o planejamento é uma forma de garantir e passar segurança aos estudantes no processo de ensino-aprendizagem. O imprevisto do professor é visto como inseguro ao estudante e prejudica a fundamentação e estrutura de conhecimento. “Que a escola funcione bem e possa atrair as crianças e conquistá-la, por todos os meios possíveis, e tomar as medidas a fim de aprenderem bem, estando os pais, então, satisfeitos.” (LA SALLE, 2006, p. 1)

k) A competência docente: para La Salle o objetivo fundamental da docência deve ser a aprendizagem, onde a prática educativa seja democrática, não elitizada nem elitizante, requerendo assim uma formação criteriosa. “Deve-se evitar que os alunos se desgastem da aula devido à incompetência dos mestres, ou de não terem expressado afeição por eles e não saberem conquistá-los, sendo muito rigorosos.” (LA SALLE, 2006, p. 1)

Esses princípios aqui apresentados fazem parte do projeto pedagógico para a formação de professores que é inaugurado por La Salle. Um dos artigos publicados pela Revista Brasileira de Educação, destaca:

Nesse contexto, Gauthier destaca como um marco da universalização da educação elementar a criação da Sociedade das Escolas Cristãs, fundada por João Batista de La Salle e um grupo de educadores religiosos na cidade de Reims, por volta do ano de 1680. De acordo com Bédel (1998) e Gallego (1986), entre os anos de 1679 e 1686, essa sociedade reunia uma pequena comunidade de educadores sob a orientação sacerdotal de La Salle. Posteriormente se transformou em sociedade religiosa (1690-1694) e, finalmente, no Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, aprovado pelo papa Bento XIII, em 1725, por meio da bula *In apostolicae dignitatis solio* (Bédel, 1998). O Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs é a primeira instituição de direito pontifício formada por homens católicos leigos que não assumiam o ministério sacerdotal para dedicarem-se exclusivamente à profissão docente, vivendo em comunidade de vida religiosa consagrada. São os primeiros profissionais do magistério da escola elementar. (PAULY, CASAGRANDE, COBERLLINI, 2018, p. 3)

Em 24 de maio de 1900, La Salle é canonizado e em 1950 foi nomeado pelo Papa Pio XII, padroeiro de todos os educadores, e abaixo seja o texto elaborado pelo pontífice com tal indicação. Tal carta foi transcrita na obra intitulada *Meditações de São João Batista de La Salle para Metres e Educadores Cristãos*:

PIO PAPA XII
PARA PERPÉTUA MEMÓRIA

“Só é verdadeiro mestre, diz São Boaventura, aquele que sabe ilustrar a mente, plasmar o coração e decidir a vontade dos seus discípulos à prática do bem.”

Estas palavras devem ser atentamente meditadas, sobretudo nestes tempos em que, muitas vezes, vemos a instrução, não somente ficar estranha à formação moral, senão até tornar-se causa de grave ruínas de almas quando se lhe acrescenta o desprezo de Deus e da Religião. Eis porque a santa Madre Igreja cerca com solícito afeto os que se consagram à educação da juventude, porquanto deles depende não pouco a salvação da sociedade cristã.

Ora, houve um homem eminente em santidade e talento, João Batista de La Salle que, pessoalmente e por meio da Congregação por êle fundada, formou a continua formando meninos jovens segundo excelentes princípios e métodos. Zelou também pela cuidosa preparação de mestres, especialmente chamadas a desempenhar tão grave função entre habitantes da zona rural, em estabelecimentos denominados “SEMINAIRES DE MAITRES D’ECOLE POUR LA CAMPAGNE.” É, pois, com tôda justiça que se lhe atribui a fundação dêsse gênero de escolas, onde se formam os mestres, hoje conhecidas em todo o mundo como “ESCOLAS NORMAIS.”

Por outra parte, foi tal o elevado conceito que o insigne Pedagogo teve da vocação de educador, que não quis se tornassem sacerdotes os membros da Congregação por êle fundada, para não se distraírem das funções de ensino, convencido de ser êsse um meio eficaz para progredir na virtude a alcançar a

santidade.

A fim de que, pois, os que instruem a infância e a juventude, ou que se preparem para essa missão, tenham um modelo a imitar e um ideal a copiar, esforçando-se por reduzir-lhe as virtudes, dirigiu-nos o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, por meio de seu Postulador Geral, instantes súplicas, pra que Nos dignássemos, por ocasião do quinquagésimo aniversário de sua canonização por Nosso Predecessor Leão XIII, de feliz memória, proclamar o Confessor São João Batista de La Salle Celestre Patrono junto a Deus de todos os Mestres de ambos os sexos, eclesiásticos ou leigos, que já exerçam o magistério ou se preparem a exercê-lo.

Nós, pois, persuadido de que a educação da juventude é de primeríssima importância, para aqueles a quem está confiada a formação das almas juvenis ou que para essa missão se preparam, tenham uma razão superior e um estímulo mais poderoso para desempenharem conscienciosamente uma função de tamanha transcendência aos olhos da religião e da fé, queremos, de todo coração, atender as seus desejos.

Eis porque, após termos ouvido o Venerável Irmão Nossa Clemente da Santa Igreja Romana Cardeal Mícara, Bispo de Velletri, Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, e considerando atentamente todos os aspectos dessa determinação; de ciência certa e após madura deliberação, e com a plenitude do Poder Apostólico, pelas presentes Letras e de modo perpétuo, **CONSTITUIMOS E DECLARAMOS O CONFESSOR SÃO JOÃO BATISTA DE LA SALLE PRECÍPUO CELESTE PATRONO JUNTO A DEUS DE TODOS OS MESTRES DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE, COM TODAS AS HONRAS E PRIVILÉGIOS LITÚRGICOS QUE, SEGUNDO O RITO, COMPETEM AOS PATRONOS PRINCIPAIS. NÃO OBSTANTE QUAISQUER DISPOSIÇÕES EM CONTRÁRIO.**

Isso proclamamos e estatuímos, e decretamos que as presentes Letras subsistam e permaneçam firmes, válidas e eficazes; tenham e conservem seus efeitos plenos e íntegros, agora e no futuro, naqueles aos quais dizem ou possam dizer respeito; julgue-se e conclua-se sempre no mesmo sentido; seja enfim, desde agora, nula e sem valor qualquer determinação contrária, por parte de qualquer autoridade que fôr, cientificamente ou por ignorância.”

“Dado em Roma, junto a São Pedro, sob o anel de Pescador, a 15 de Maio, na festa de São João Batista de La Salle, do ano de 1950, duodécimo do Nosso Pontificado (BERNARDO, 1952, p. 09-12, sic).

Ao realizar uma análise histórica, é possível concluir que os lassalistas contribuíram com a pedagogia moderna e organizaram a primeira Escola Normal para a formação especializada de professores. E destacam:

[...] Gauthier inclui o Guia das Escolas Cristãs (La Salle, 2012b) entre os tratados precursores da pedagogia moderna, pois foi um manual escrito por professores experientes para professores em formação. O guia e outros manuais análogos da época “parecem fundadores” da pedagogia moderna, uma vez que “inauguram o método de ensino nas escolas” ao definirem pormenorizadamente “as ações do mestre no seu ensino a grupos de filhos do povo”, superando a tradição anterior de oferecer “conselhos para uso de um preceptor, numa perspectiva individual” (Gauthier, 2010, p. 146) e, portanto, aristocrática. Ademais, Gauthier entende que os lassalistas contribuíram com a construção da ciência pedagógica moderna valendo-se da reflexão sistemática, permanente e coletiva sobre a prática docente na sala de aula.

Santos (2002) suspeita de que os lassalistas inventaram o caderno escolar, um ícone da educação escolar moderna. Outra contribuição significativa aconteceu por intermédio de uma das obras publicadas e utilizadas nas Escolas Cristãs, as Regras de decore e da urbanidade cristãos (La Salle, 2012f). Aries (1960) constata a influência considerável desse livro nos costumes sociais da época. (ARIES, 2018, p. 3)

Quando feito o levantamento bibliográfico, foram encontrados poucos textos em língua portuguesa que ressaltam o papel e a importância de La Salle na formação de professores, como sendo ele o precursor do primeiro modelo de escola de formação profissional para docentes no mundo. Ao adentrar no tema, é possível encontrar menções a sua didática e papel religioso e de ajuda aos pobres. Mas o que mais merece atenção dos pesquisadores da área da educação é que ele foi o grande precursor da escola que formaria professores no mundo e que é até hoje utilizado como fonte, base e fundamento para a formação de professores, enquanto profissionais da educação.

O artigo publicado por Pauly, Casagrande e Coberllini, na Revista Brasileira de Educação destaca o desconhecimento sobre o trabalho de La Salle no Brasil. Segundo os autores:

A partir dos anos 60 do século XX, começaram a surgir os primeiros estudos acadêmicos sobre La Salle, especialmente na Europa e nos Estados Unidos. No Brasil, dois trabalhos podem ser destacados. O primeiro e pioneiro no assunto foi o de Henrique Justo, que em 1952 obteve aprovação para sua tese doutoral em pedagogia, apresentando La Salle como um precursor da pedagogia moderna em uma época em que não existiam programas de pós-graduação e o título era concedido pela universidade. Essa tese deu origem à obra La Salle, patrono do magistério (Justo, 1991). Nela, Justo (1991, p. 8) constata que “a pessoa e a obra de João Batista de La Salle deveriam ser mais bem conhecidas”. A outra pesquisa acadêmica é de Edgard Hengemüle (1997), que em sua dissertação fez uma leitura do que escreveram diversos historiadores da educação sobre La Salle. Ademais, em 2002, Marcos Corbellini defendeu seu doutorado tratando das origens da Sociedade das Escolas Cristãs, focando na contribuição do grupo de professores para a concretização daquela iniciativa educacional e religiosa ainda hoje existente. (PAULY, CASAGRANDE, COBERLLINI, 2018, p. 5)

E aqui importante é frisar que a maioria desses estudos deixa de lado o papel de educador de La Salle. Apenas em Manacorda (1992) encontramos menção a tal papel de precursor da formação de professores. E ainda, muitas menções a La Salle são incorretas e imprecisas. A tentativa de relacionar La Salle a métodos neoliberais, dentre outros é na verdade um anacronismo grosseiro.¹⁹

¹⁹ Anacronismo: erro de cronologia que ger. consiste em atribuir a uma época ou a um personagem ideias e

O esforço dos lassalistas em regulamentar o ensino elementar nascia de sua prática docente e para ela retornava “a fim de assegurar, por esse meio, grande ordem nas escolas, proceder bem regular e uniforme dos Irmãos encarregados delas e excelentes resultados nas crianças nelas instruídas” (La Salle, 2012b, p. 20). O manuscrito mais antigo conhecido do Guia das Escolas Cristãs pode ser datado entre os anos de 1704 e 1706. A primeira edição impressa foi realizada em 1720, um ano após a morte de La Salle. As edições eram frequentemente revisadas por decisão das assembleias-retiros dos educadores lassalistas. Além do trabalho colaborativo na construção e na revisão de métodos e materiais, os lassalistas descobriram o princípio didático de que saber ensinar é um conhecimento diverso do conteúdo a ser ensinado. Perceberam, na prática, a diferença entre didática e epistemologia, outra característica da pedagogia moderna. Assim, para Gauthier e Tardif (2010, p. 479), “fortificados pela experiência e alimentados por uma justificação religiosa, os docentes do século XVII criaram um método pedagógico em que reinava a ordem. O saber pedagógico afetava todas as facetas da vida da classe”. Os lassalistas foram construindo, a partir da prática na sala de aula, o “saber-fazer docente, uma tradição pedagógica, ou o que se convencionou chamar de ‘pedagogia tradicional’, composta de um conjunto de respostas, de prescrições, de ritos quase sagrados que deviam ser reproduzidos”. Assim, a omissão da pesquisa em educação sobre La Salle no Brasil parece evidente diante da contribuição dos lassalistas para a criação da pedagogia moderna no século XVII. (PAULY, CASAGRANDE, COBERLLINI, 2018, p. 3)

Apesar de sua religiosidade, La Salle, defendia o magistério em suas formas teóricas e prática e que esta deveria ter formação pedagógica e científica. E pela ausência de tal escola de formação, cria, a primeira Escola Normal para formação de professores. O Guia das Escolas Cristãs tornou-se um dos pontos de partida da pedagogia moderna, uma vez que foi elaborado por aqueles que aprenderam diretamente com as crianças a forma como elas aprendem e, a partir daí, qual seria a maneira mais amorosa de ensinar-lhes. (SAVIANI, 2021)

La Salle, nascido aristocrata, de família abastada e vivendo os privilégios da nobreza, ensinava de forma gratuita, para qualquer criança, sem nenhuma distinção.

Ao realizar as buscas sobre La Salle, foi encontrada uma obra cinematográfica, o filme *São João Batista de La Salle: padroeiro dos professores*, em que estão presentes os caminhos da profissão docente, a presença da Igreja e o método simultâneo, iniciado no século XVII com esta congregação.

O filme²⁰ é uma hagiografia produzida, originalmente, na Espanha, pela Eurofilmes com o título *El señor La Salle* e dirigido por Luiz Cesar Amadori. Foi lançado no Brasil pelas Edições Paulinas, em 2007 e é uma versão utilizada como fonte neste artigo.

sentimentos que são de outra época, ou em representar, nas obras de arte, costumes e objetos de uma época a que não pertencem.

²⁰ Disponível em: <https://youtu.be/zap_Uq5tiXY>. Acesso em: 10 abr. 2022.

3 AUGUST HERMAN FRANCKE: EDUCANDO A POBREZA

Ao se iniciar a pesquisa sobre os primórdios da Educação Profissional no mundo, quase no mesmo período, surge o personagem Herman Francke, o pastor alemão pietista, na Alemanha assolada pelos reflexos da guerra dos trinta anos.

O Pietismo ficou conhecido como o movimento derivado do Luteranismo. Foi um movimento protestante de fé renovada que se tornou popular de 1675 a 1740, embora tenha permanecido residualmente influente até o século XIX. Seus centros espirituais estavam em Württemberg, entre os irmãos da Morávia, e acima de tudo em Halle. O pietismo se opôs principalmente à ortodoxia protestante dogmática, que geralmente incluía impaciência e polêmicas contra outras crenças.

O pietismo, pelo contrário, representava a renovação da importância da oração individual e a humildade. As experiências de crença deveriam basear-se menos na aceitação de condições fixas de crença e mais em uma imersão mística e pessoal em sentimentos.

De acordo com a teoria protestante padrão, a salvação só poderia ser esperada pela supressão da individualidade corrompida e pela espera da graça de Deus para mostrar o caminho. Daí veio a inclinação dos pietistas de se afastar do mundo com suas tentações (por exemplo, teatro, dança, jogos e outros prazeres). A inquietação que eles sentiam em relação à institucionalização da igreja levou à sua divisão em numerosos grupos separatistas. Sua certeza subjetiva sobre sua crença levou a uma certa arrogância e, finalmente, sua reclusão levou muitas vezes a um modo de vida moralizante e sem alegria.

Embora o fundador do pietismo alemão seja considerado Spener, que estabeleceu várias reuniões devocionais privadas (*collegia pietatis*) para estudo bíblico em Frankfurt am Main e em outros lugares, ele foi importante para a educação apenas no sentido de que formou um espírito ou conceito no qual a educação poderia ser conduzida - um conceito que subordinaria toda a educação para uma fé cristã simples. Este conceito foi realizado principalmente por seu seguidor Francke.

August Hermann Francke foi visto como um grande promotor dos ideais pietistas e um novo ícone em busca de promover um novo tipo de educação para os mais necessitados.



Figura 2 - August Hermann Francke²¹

As primeiras obras que mencionam Augusto Hermman Francke como precursor da Educação Profissional no Brasil são dos professores Luiz Antônio Cunha e Celso Suckow da Fonseca. Segundo suas pesquisas, e confirmado pelo levantamento bibliográfico realizado neste trabalho, Hermman Francke foi o fundador da conhecida “Escola dos Maltrapilhos de Halle”, então destinada às crianças em situação de miséria na Alemanha do século XVII. Destaques para as menções à Francke, em Celso Suckow da Fonseca “Uma razão de ordem econômica levaria Francke, em 1694, a instituir numa escola destinada aos órfãos de sua paróquia, num subúrbio de Halle, ao lado da instrução religiosa, a aprendizagem de vários ofícios manuais.” (1961, p. 648). Em Cunha:

Instituições similares foram fundadas por protestantes. Pouco tempo após a instalação da primeira escola de La Salle, na França, iniciativa análoga foi tomada por August Hermann Francke, pastor protestante alemão, um dos principais promotores do movimento pietista. Como professor da Universidade de Halle e pastor de uma paróquia local, Francke fundou, em 1695, a “escola dos maltrapilhos”, destinada a abrigar crianças pobres. (CUNHA, 2005, p.48)

3.1. A trajetória de Herman Francke

Hermann Francke, nasceu em 22 de março de 1663, em Lübeck, norte da Alemanha. Era originário de família burguesa, considerada influente, filho de Johan Francke, advogado naquela região. Ingressou nos estudos no ginásio de Gotha e, desde jovem já manifestava seu

²¹ Figura 2 – August Hermann Francke. Fonte: Biblioteca de imagens da BBC Hulton.

interesse pela leitura da Bíblia. Aos 16 anos, ingressou no curso de Teologia das Universidades de Erfurt e Kiel. O ingresso no curso de teologia foi um marco na vida de Hermann Francke, que teve contato direto com o professor Christian Kortold, fervoroso professor que o influenciou a adentrar no círculo pietista do qual era grande idealizador o também professor Philipp Jakob Spener.

Ao concluir seus estudos aos 22 anos de idade, começou a lecionar na Universidade de Leipzig, leste da Alemanha, sobre assuntos bíblicos. Além do ensino bíblico, Hermann Francke ocasionalmente pregava sermões nas Igrejas da região.

A grande mudança ocorre na vida de Francke quando, ao ser convidado para pregar na cidade de Lüneburg, em 1687, onde deveria elaborar seu primeiro sermão, sobre o Papa João X. Ao iniciar a elaboração do sermão, sua fé é questionada; tanto que o próprio Francke destaca que esse foi o momento de seu nascimento espiritual. Foi também em Lüneburg que Francke conheceu Philip Jakob Spener. Spener ficou conhecido como um dos grandes difusores do Pietismo, e a partir do contato entre Francke os dois juntos se tornam a grande influência do movimento na Alemanha.

Após mais de um ano na casa de Spener, Francke retorna a Leipzig, após a quaresma de 1689 e volta a lecionar na Universidade. No entanto, um partido ortodoxo luterano da cidade consegue baixar um decreto em 1690 que proíbe as aulas de Francke sobre temas bíblicos, uma vez que as ideias pietistas eram veementemente combatidas por eles. Em seguida, em março de 1690, Francke recebe o convite para se tornar diácono da Igreja Agostina de Erfur. O convite é aceito e Francke começa a pregar seus ideais pietista; que apesar de encontrar grande aceitação pelo público, é combatido pelos luteranos ortodoxos e os Cristãos católicos apostólicos e acaba ocasionando sua expulsão da cidade em setembro de 1691.

Ao ser expulso da comunidade de Erfur, Francke vai ao encontro de Spener em Berlim, onde, em 1691, é nomeado professor de grego e línguas orientais e pregador na Igreja de São Jorge em Glaucha, subúrbio de Halle. Em 1698 é nomeado professor ordinário de Teologia na Universidade de Halle. Em 1715, Francke se torna pastor de São Ulrich, em Halle. Em 1726, seu corpo fica totalmente paralisado do lado esquerdo e, em 8 de junho de 1727, Francke falece em Halle.

3.2. O movimento pietista

As pesquisas relacionadas a Hermann Francke destacam seu papel no pietismo. As publicações que o envolvem estão todas ligadas a sua influência e importância no movimento

pietista alemão. Seu nome é encontrado diretamente associado a Spener como os idealizadores do movimento pietista.

Francke era o filho espiritual de PJ Spener, e se tornou um dos líderes do movimento "pietista" que influenciou tão poderosamente a Alemanha, 1680-1750, elevou o tom da comunidade após a depressão da Guerra dos Trinta Anos, reviveu a educação sistema, começou a provisão sistemática para os pobres, e refinou e purificou a vida doméstica. Francke era o líder espiritual e professor, e sob ele e o grupo de professores que se reuniram em Halle, Halle tornou-se a sede do Pietismo. Durante seu tempo, Halle enviou cerca de 6.000 graduados em teologia, homens imbuídos de seu espírito, bons exegetas e pastores dedicados, que espalharam suas doutrinas por toda a Alemanha e, nas primeiras décadas do século 18, ocuparam a maioria dos púlpitos. Os extensos edifícios em Halle, que agora levam o título de "Instituições Francke", são um monumento de sua fé simples e zelo filantrópico. Começou na Páscoa de 1695, abrindo em sua casa um quarto para instruir as crianças pobres de Glaucha, com um capital de cerca de treze xelins. Sobre Whitsuntide, 1695, foram os primórdios do Paedagogium, 1697 da Escola Latina, 1698 dos negócios de venda de livros e boticários, 1705 da missão nas Índias Orientais, 1710 da Sociedade Bíblica. Em um lugar anteriormente ocupado por cervejarias e jardins dançantes, a pedra fundamental do grande Orfanato foi lançada em 13 de julho de 1698, num espírito de humilde fé em Deus e fervorosa oração, confiando a Ele os meios para pagar pelo trabalho que progrediu; e semana após semana, conforme eram necessários, os suprimentos vinham de longe e de perto. Neste trabalho, quanto a seus sermões e palestras, Francke teve grande oposição a enfrentar, mas a Comissão de Inquérito que seus inimigos obtiveram resultou em uma ordem de gabinete de 1702, que é a Carta de suas Instituições. Em 1727 havia 134 órfãos no orfanato; e além destes 2.207 bolsistas nas diversas escolas de formação, dos quais cerca de 360, além de 225 alunos pobres, recebiam rações diárias; enquanto em 1863 o valor dos edifícios era de cerca de £ 45.000, e cerca de 3.500 estudiosos receberam instrução. (YODER, 2021)

Alguns pontos merecem uma análise mais apurada. Aqui sobre o pietismo. O pietismo alemão é tido como um movimento surgido nas igrejas luteranas na segunda metade do século XVII, e era considerado uma reação contra o cristianismo, que vinha sendo considerado uma prática muito distante da realidade doutrinária bíblica. O alvo do pietismo era retornar a teologia dos apóstolos e dos ideais da Reforma Protestante, fazendo isso através da pregação do evangelho e de testemunhos cristãos.

É importante ressaltar que Spener é o grande expoente de tal movimento, questionando como estaria Lutero se vivo presenciasse os absurdos propagados nas Universidades e se o próprio apóstolo Paulo não veria com espanto as pregações proclamadas no púlpitos e nas catedrais. Na primeira obra de Spener, *Pia Desideria*²², publicada em 1675, têm destaque as

²² Em tradução livre *Desejos piedosos*. A obra nunca foi publicada em português.

quatro principais características do movimento:

1. Experiência religiosa: a experiência religiosa assume um caráter preponderante na vida do crente;
2. Biblicismo: seus padrões doutrinários emanam da Bíblia, ainda que o catecismo deva ser ensinado às crianças e aos adultos;
3. Perfeccionismo: preocupação com o desenvolvimento espiritual, bem como a proclamação do Evangelho e com a prática social de socorro aos necessitados;
4. Reforma na igreja: desejo de reformar a igreja, combatendo sua letargia espiritual, bem como suas práticas, consideradas mundanas;

Embora a *Pia Desideria* tivesse amplo apelo público, o trabalho pastoral de Spener em Frankfurt acrescentou um elemento social fundamental ao movimento pietista mais amplo que refletia sua preocupação inicial com a renovação leiga, segundo Yoder (2021).

Em tentativa de corrigir falhas eclesiásticas anteriores, o pietismo tornou-se, como Hans Schneider chama, de “movimento bíblico” e recrutou leigos como sacerdotes de reforma para o movimento pietista. Estes jovens seriam formados para propagar o pietismo pela Alemanha e além-mar.

Ao lado de Spener, considerado um dos maiores personagens do pietismo alemão temos Hermann Francke. Foi através do ideais e influência de Spener que Francke ascende na carreira docente e cria as primeiras escolas para pobres com estudo bíblicos na Alemanha.

O sucessor de Spener foi Auguste H. Francke (1663-1727), da Universidade de Halle. Baseado no princípio de que “um grão de fé verdadeira vale mais do que um quintal de erudição histórica, e uma gota de caridade mais do que um oceano de ciência”, lançou-se a uma campanha intensa de alfabetização e de criação de escolas e de um seminário para mestres, nos quais se busca, fundamentalmente, “a piedade do coração”. Francke é considerado um dos grandes pedagogos da fé e da piedade cristãs, assim como das letras humanas. Exemplo disso é seu livro Doutrina mais breve e simples para dirigir as crianças à verdadeira piedade e ao espírito cristão (1702), que constitui um verdadeiro plano de ensino. Francke teve muitos outros seguidores, entre eles o fundador dos Irmãos moravos, um dos quais foi, o autor da Didática Magna.²³ Desta forma, o pietismo não só se abriu às novas formas de educação cristã, mas também a uma nova pastoral, à ação missionária e litúrgica. O movimento pietista calou fundo no seio do protestantismo alemão e de regiões de sua influência. Desde o século XVIII, estimulou direta ou

²³ A Didática Magna marca o início da sistematização da pedagogia e da didática no Ocidente. A obra, à qual o autor se dedicou ao longo de sua vida, tinha grande ambição. Comenius chama sua didática de ‘magna’ porque ele não queria uma obra restrita, localizada. No livro, o pensador realiza uma racionalização de todas as ações educativas, indo da teoria didática até as questões do cotidiano da sala de aula. A prática escolar, para ele, deveria imitar os processos da natureza. (HERAS, 2022)

indiretamente todos os movimentos “revivalistas” dos séc. XIX e XX. (HERAS, 2022)

August Hermann Francke, como pietista de segunda geração, não só incorporou essas quatro marcas teológicas do pietismo, mas deu-lhes o que Carl Hinrichs chama de “vigor ativo” e os “popularizou para um mundo cristão”. (HERAS, 2022)

Em uma análise mais criteriosa a maioria dos escritos que mencionam Hermann Francke deixam clara sua intenção de propagar o movimento pietista em todos os setores que conseguisse alcançar. Tanto que para isso Francke passa a ‘educar’ jovens inicialmente pobres e depois nobres, mas na fé pietista. Jovens que iriam, através da teologia propagar os ideais pietistas. Ao analisar as obras de Hermann Francke, a educação foi um meio para se chegar a um fim considerado maior, de propagar as novas ideias religiosas do movimento alemão pietista. Tal fato é notório quando se percebe que todas as Instituições que seguiam o modelo proposto por Francke são voltadas para educação de jovens na teologia pietista. Inicialmente aos jovens pobres e, após a visibilidade que obteve o movimento, passou a aceitar jovens burgueses.

Como se verá no caso de Francke, as inovações pietistas se chocaram contra normas culturais e sociais. Os pietistas enfatizavam a devoção e a diligência cristãs como caminhos para a boa vida. Alguns pietistas, reunidos em pequenos grupos e afirmando seu lugar como “sacerdotes” e “filhos de Deus”, eventualmente chamariam a questionar a hierarquia social aceita de suas igrejas e cidades. A solução encontrada por Spener e Francke: “despertar dos leigos era a chave para a reforma eclesiástica e social”. (YORDER, 2021, p. 4)

Segundo o historiador Yoder:

O ministério pastoral de Francke e, portanto, sua teologia deve ser vista como uma teologia do púlpito. Seu modo fundamental de popularizar o pietismo foi através da pregação, e a chave para chegar ao núcleo, elementos estruturais – não para mencionar inovações – da teologia de Francke é principalmente através de seus sermões. [...] A “voz” teológica é mais claramente ouvida em seus sermões. Dado de forma extemporânea, seus sermões chegam até nós por meio de seus diligentes alunos sentados no frente da congregação copiando cada palavra que ele pregava. Pregava através do Catecismo. [...] Francke não apenas pregava sobre como reformar a igreja. Ele buscou maneiras de melhorar a condição espiritual de seus próprios paroquianos. Como ele criou controvérsias para si mesmo, barrando alguns do altar e exortando outros para dar “frutos” dignos de seu chamado, ele também articulou uma teologia de conversão que através de seus institutos viria a influenciar o protestantismo da igreja durante um período em que os cristãos encontraram uma variedade de pressões individualizantes. (YORDER, 2021, p. 06)

Aqui neste ponto é importante fazer uma análise sobre quem produz e conduz as

pesquisas sobre Hermann Francke, conforme o caso acima, do historiador estadunidense Peter James Yoder²⁴. As pesquisas realizadas ao longo deste trabalho foram basicamente resultado de publicações feitas pelo próprio Hermann Francke ou de pessoas e instituições ligadas ao movimento pietista. Yoder, por exemplo, é Professor de Teologia Histórica e Diretor de Admissões no Reformed Theological Seminary, Dallas, nos Estados Unidos. Assim como os outros autores no presente trabalho.

Ou seja, ao analisar os discursos produzidos, devemos tentar compreender a intenção de quem os produz. Hermann Francke tem como objetivo, ao que parece, ser lembrado como o propagador do pietismo. Em vários momentos são encontradas descrições que falam em “Igreja do coração” do Francke. Mas qual seria o preço de tanta fidelidade ao movimento? Estamos tratando de alguém apenas preocupado com o sucesso do movimento pietista ou alguém realmente imbuído pela fé? Os alunos “acolhidos” por Hermann Francke foram livres para escolher um caminho ou só poderiam frequentar suas Instituições se comprometidos em reproduzir os ideais pietistas?

Tais questionamentos devem ser mantidos em mente ao realizar as leituras sobre o personagem e o tema, sob pena de simplesmente ser reproduzido um discurso do movimento pietista. Trechos que citam Hermann ressaltam a pregação da teologia da conversão e como seus Institutos foram responsáveis por difundir as ideias protestantes propagadas pelo pietismo.

3.3. Herman Francke e a Educação Profissional

Conforme já abordado, a vida profissional, na condição docente, de Hermann Francke está diretamente associada ao seu papel de pregador, pastor e diácono do movimento pietista. O primeiro colégio fundado em 1686 por Francke ao lado de mais sete professores, destinava-se o estudo da Bíblia, abordando os pontos de vista filológico exegético juntamente com o prático e devocional. O colégio recebeu o nome de Colégio Filobíblico (*“Collegium Filobiblicum”*).

Segundo pôde-se encontrar, muitos pesquisadores consideram Hermann Francke de grande importância para o movimento pietista e para a educação de jovens para o ministério. De acordo com Kenneth S. Latourette, Francke ministrava aulas que associavam a teoria com experiências práticas. Foi em Halle que fundou escolas que ficaram famosas devido aos novos programas educativos desenvolvidos na atmosfera pietista. Tais instituições eram mantidas através de doações que recebia. (COSTA, 1999)

²⁴ A obra de Peter James Yoder foi traduzida para a língua portuguesa pela pesquisadora/autora, para utilização neste trabalho.

Hermann Francke, após assumir a paróquia de Glaucha, situada próxima a Halle, e lecionar na Universidade de Halle, vê na comunidade paroquial um local para promover as ideias pietistas e tentar solucionar alguns problemas da comunidade. O primeiro passo foi a atenção voltada para as crianças de rua e seus familiares.

Como havia muitos órfãos que, depois das aulas, não tinham onde ficar, foi alugada uma casa e iniciou-se um orfanato. Em 1692, havia 12 crianças neste orfanato. Os estudantes mais carentes da Universidade, em número de 24, recebiam ali um almoço. Foi neste orfanato que Francke iniciou o costume de, antes do almoço, fazer uma leitura da Bíblia e uma oração. O trabalho cresceu e, aos poucos, Francke organizou um seminário, onde podia formar não só professores, mas também missionários. (LUTERANOS, 2013)

Para consolidar tais ideias, Francke criou a primeira escola para essas crianças pobres, que ficou conhecida como “Escola de Maltrapilhos”, fundada em 1695. Segundo narra o portal Luteranos “Na casa paroquial, colocou uma caixinha para doações a fim de suprir despesas. Um dia, achando sete moedas de prata na caixa de coleta, disse: “Isto é um dinheiro que merece ser bem aplicado!” e contratou um estudante como professor das crianças.” (Cf. LUTERANOS, 2013)

August Hermann Francke abriu desde o início uma "escola de caridade", inicialmente instalada numa sala da sacristia. As crianças primeiro receberam suas aulas de um estudante de teologia da Universidade de Halle. A boa reputação desta pequena escola fez com que o número de alunos crescesse rapidamente e, algumas semanas depois, os cidadãos de Glaucha enviaram seus filhos para lá com uma modesta contribuição. No verão de 1695, os cursos já eram frequentados por 50 alunos. E como um número crescente de famílias ricas queria mandar seus filhos para lá, ele acabou abrindo no Pentecostes de 1695 um *Pædagogium* destinado à instrução e educação dos filhos da nobreza e da classe média alta. Então, em 1697, era uma escola de latim para os filhos da burguesia destinada a uma carreira acadêmica. O ensino ainda era ministrado por alunos, que recebiam em troca uma sala, lenha e uma bolsa de 16 groschen. Diante da multiplicação do número de crianças carentes ou órfãos abandonados na pobreza, Francke decidiu educá-los com uma contribuição das famílias, e assim surgiu a ideia de um orfanato. O eleitor concedeu-lhe vários privilégios, como isenção de impostos especiais de consumo, subsídios e taxas de trânsito e, graças a novas doações, ele pôde, em 1698, lançar a primeira pedra da nova instituição. No mês de Abril de 1701, Francke inaugurou o prédio, que foi ao mesmo tempo a sede de sua fundação. (BRITANNICA, 2021)

A escola criada por Francke foi considerada um sucesso e rapidamente, dentro de aproximadamente três anos, alcançou a marca de 100 alunos internos e 500 alunos externos (CUNHA, 2005, p. 48).



Figura 3 - A Fundação Francke em Halle/S., Alemanha²⁵

A proposta e forma de ensinar de Francke foi considerada um sucesso. Isto porque as famílias abastadas começaram a buscar Hermann Francke e pedindo para que ele ensinasse seus filhos. Francke convidou as crianças ricas que se juntassem às crianças pobres. Segundo se notou, as famílias que possuíam condições favorecidas buscavam Francke para que seus filhos fossem educados com base na fé em Cristo, ou seja, o diferencial não chegava a ser o modelo educacional, mas a devoção a religião. (LUTERANOS, 2013).



Figura 4 – Visão geral da Fundação Francke, Alemanha²⁶

²⁵ Figura 3 – A Fundação Francke em Halle/S., Alemanha. Fonte: Wikipédia Alemã.

²⁶ Figura 4 – Visão geral da Fundação Francke, Alemanha. Fonte: Wikipédia Alemã.

Uma descrição sucinta da trajetória de Francke até a propagação de seus Institutos:

Francke, depois de servir como professor de gramática e padre em Leipzig, Lübeck, Hamburgo e Erfurt, recebeu, por recomendação de Spener, um cargo no Universidade de Halle em 1691, ao mesmo tempo assumindo o cargo de pároco nas proximidades. Motivado pelas tristes condições de abandono de sua paróquia, rapidamente se dedicou a tarefas pastorais práticas. Em 1695 ele instituiu uma escola vernacular para os pobres, popularmente chamada de “escola maltrapilha”, cujo objetivo era que as crianças fossem conduzidas a um conhecimento vivo de Deus e de Cristo e a um cristianismo corretamente realizado. Através de sua atividade e eloquência, Francke ganhou vários patronos de caridade para sua escola, e a instituição rapidamente se expandiu. Depois da escola para os pobres veio o estabelecimento de uma escola primária para crianças de burgueses pagantes, depois um orfanato e, finalmente, um *Pädagogium*, ou internato, para os filhos da nobreza. Porque Francke percebeu a falta de professores adequados para suas escolas, ele posteriormente estabeleceu dois seminários de professores, *seminarium praeceptorum e seminario selectum* (para professores em escolas superiores). Em 1697 seguiu-se uma escola de gramática latina e em 1698, ainda que de curta duração, um gineceu, uma escola para as filhas da nobreza. Ao todo o complexo de instituições de Halle (conhecido coletivamente como Fundação Halle) pertencia também uma livraria com editora e imprensa, um laboratório de química muito lucrativo, além de quatro propriedades agrícolas, uma instituição bíblica e um escritório de envio de evangélicos a missões no exterior. Essas instituições floresceram e, por volta de 1750, foram cada vez mais submetidas ao controle do Estado. (BRITANICCA, 2021)

Através deste trecho é interessante notar que a intenção de Francke não era simplesmente filantrópica. Ao analisar sua trajetória de criação das Instituições Francke, estas inicialmente foram voltadas aos pobres. Mas não seria esse caso por ainda existir naquele momento resistência as ideias pietistas? Não resta nítida a real intenção de Hermann ao longo da leitura de suas obras e sobre suas obras. Mas ao que tudo indica, a educação dos pobres foi um caminho percorrido para atingir mais tarde outras camadas da população e difundir o pietismo. E nesse ponto temos um trecho extraído da Enciclopédia Britannica que ressalta:

A principal preocupação de Francke era o trabalho ministerial no espírito do pietismo e não a teorização educacional sistemática. Seus objetivos educacionais eram religiosos e ao mesmo tempo práticos. Ele mesmo a parafrazeou como “verdadeira piedade e sabedoria cristã” – a verdadeira piedade significando uma vida piedosa, moral e devota, e a sabedoria cristã referindo-se à capacidade de trabalhar duro de acordo com a ética protestante. O estilo de educação de Francke acompanhou esse objetivo: a obstinação corrompida do homem deve ser quebrada, não por meio de castigos severos, mas por “recreações amorosas”, uma supervisão rigorosa dos alunos e um cuidado escolar e regimentado do espírito. Jogos e exuberância infantil não têm lugar no sistema; assim, a educação teve um efeito triste e moralizador. (Cf. BRITANICCA, 2021)

Ao que tudo indica o objetivo principal de Francke não era a educação nem de pobres e nem de burgueses, era difundir o Pietismo.

Foi, entre outras coisas, a tentativa de Francke de oferecer uma narrativa positiva e duradoura de Pietismo, que rapidamente encontrou um público mais amplo. Em outros momentos, Francke age como guardião do movimento, tentando, como Kelly Whitmer afirma, “salvar” o nome Pietista. (Cf. BRITANNICA, 2021)

Francke insistiu que os estudantes da universidade fossem conduzidos “não apenas em boa e sólida bolsa de estudos, mas também com toda humildade e moderação cristã.” Estes alunos, segundo Yoder (2021, p. 8) “eram treinados para serem bons pietistas. O desejo de Francke de promover e defender o pietismo em todos os níveis da sociedade e reflete sua esperança de que o movimento de reforma traria uma renovação do indivíduo, da igreja e da comunidade.”

O modelo proposto por Hermann Francke, do ponto de vista educacional era moralizador e extremamente rígido. Fazendo uso de regimentos duros e inflexíveis. As exigências impostas nas Instituições Francke iam desde horários até condutas rigorosas. As crianças deveriam levantar às cinco horas da manhã, e a partir daí eram lecionadas aulas religiosas e leituras quase que contínuas da Bíblia, que perduravam até às dezenove horas (Cf. BRITANNICA, 2021)

A escola de gramática tinha aulas de escrita, leitura, matemática básica, catecismo, Sagradas Escrituras, latim, grego, hebraico, opcionalmente outra língua oriental, história, geografia, matemática incluindo astronomia e geometria, zoologia, mineralogia, botânica, anatomia e teologia, bem como polimento de vidro, tornearia, viagens de campo para observar ofícios, trabalho em fábrica, horticultura e assim por diante. Os últimos assuntos eram tidos como ‘recreação’. A educação era tratada como a mais abrangente.

Aqui temos o momento em que é possível nitidamente identificar a escola de educação profissional que se formava. Francke seguia o modelo de Comenius, que pregava uma educação abrangente. O realismo foi um dos pontos que levou o tipo de educação proposta por Francke a ser considerada profissional, uma vez que, promovia assuntos científicos, ensinava também trabalhos manuais para os pobres, viagens de campo planejadas e até leitura de jornais em sala de aula. (Cf. BRITANNICA, 2021)

Já em 1699, Francke concebeu a ideia de uma escola para crianças que não se destinavam a bolsas de estudo, mas que poderiam servir utilmente em atividades comerciais ou administrativas. (Cf. BRITANNICA, 2021)

Segundo Cunha, os objetivos de Hermann Francke eram dois, quais sejam:

Francke tinha dois objetivos em mente para o trabalho dos alunos nas oficinas da escola e nas fábricas. Primeiro, contribuir para a manutenção da instituição e dos próprios alunos; segundo, formar o caráter dentro da rígida ética pietista, que dizia ser o trabalho duro e continuado o caminho principal da salvação. Francke organizou uma vasta obra, que incluía uma editora, uma livraria, um laboratório de química e propriedades agrícolas. Por volta de 1750, sua obra passou para o controle estatal, mantendo, contudo, a orientação por ele impressa. (CUNHA, 2005, p. 48)

A proposta de Hermann Francke, apesar de que parecer secundária e talvez até inconsciente, trouxe a inovação de ser ao lado de La Salle, na França, uma das primeiras escolas de modelo profissional. Ainda que sob o viés pietista, foi um modelo de educação inovador, onde a teoria e prática foram aliadas, inicialmente buscando ofertar a formação num ofício manual às crianças desamparadas e mais tarde as famílias com melhores condições financeiras que buscavam a rigidez do ensino de modelo pietista.

Com doações da população foram montadas nas fundações Francke, uma livraria, uma gráfica com oficina de encadernação. A arrecadação dessas oficinas era revertida ao orfanato e crescimento da fundação.

Em 1708, os reitores criaram um jornal que aparecia três vezes por semana, o *Hallische Zeitung*. No ano seguinte, um novo pavilhão de enxaimel abrigou uma escola para meninas em três andares, depois em 1710 dois novos edifícios como uma extensão do orfanato: o "colégio dos ingleses" (*Englische Haus*), para a recepção de jovens meninas, alunos britânicos e o prédio comum: com um refeitório no andar térreo e uma sala de concertos no andar de cima que pode acomodar até 2.000 pessoas. Nesse mesmo ano, Francke, com a colaboração do barão prussiano Carl Hildebrand von Canstein, conseguiu fundar a Canstein Bible Society, que é a mais antiga do mundo hoje. Esta associação tinha imprimido até o XXth século milhões de Bíblias em alemão, com um aglutinante puro. A Fundação tornou-se assim a vitrine da Halle aos olhos do mundo. Desde o XVIIIth século, foi através de sua rede de missionários ativos domésticos o pietism para a Prússia Oriental e os países bálticos, e mais além, para a Rússia, Polônia, Bohemia, Eslovênia, Escandinávia, Inglaterra e as Províncias Unidas, Índia e América do Norte. (BRITANNICA, 2022, sic.)

O orfanato da Fundação Francke foi construído entre 1698 e 1700. É considerada a primeira construção da instituição socioeducativa desejada por August Hermann Francke. A construção foi realizada com a ajuda de doações da comunidade de Halle. O orfanato funcionava como dormitório, salas de aula, livraria, farmácia e tipografia.

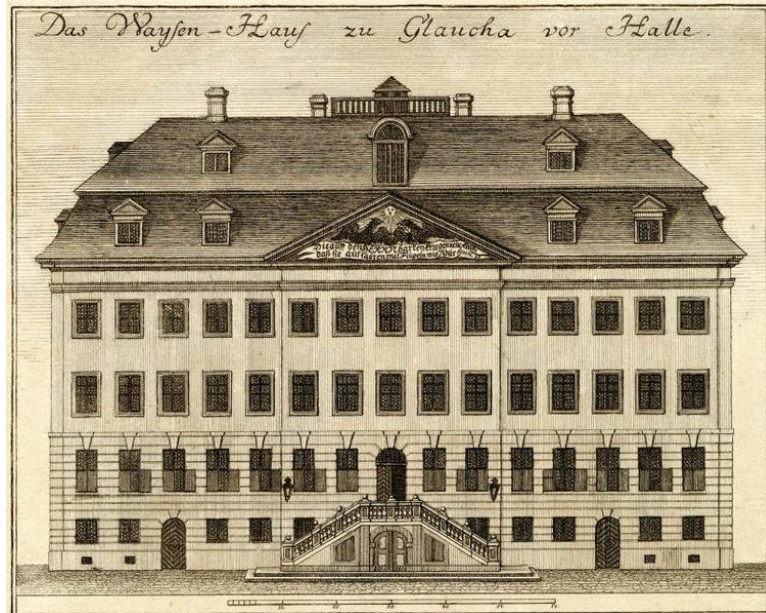


Figura 5 – Edifício original do orfanato da Fundação Francke²⁷



Figura 6 – Edifício original do orfanato da Fundação Francke²⁸

Hoje, este prédio do orfanato é considerado o número um do campus, o centro de toda Fundação Francke. Existem eventos científicos e culturais, exposições históricas e concertos. Nos apartamentos do Reitor Francke (casa nº 28), foi instalado o centro de informações da Fundação Francke. O escritório, com sótão onde foi colocada uma Bíblia, abriga uma exposição permanente. O próprio Francke comprou esta casa, que originalmente era uma pousada, em 1702. (BRITANNICA, 2022)

²⁷ Figura 5 – Edifício original do orfanato da Fundação Francke (gravura de 1749). Fonte: Wikipédia Alemã.

²⁸ Figura 6 – Edifício original do orfanato da Fundação Francke -fotografia de 2009. Fonte: Wikipédia Alemã.

4 LA SALLE E HERMAN FRANCKE: UM ESTUDO COMPARATIVO

Após análise do papel de cada personagem junto à educação profissional, chega o momento de apontar semelhanças e diferenças entre as atuações de La Salle e Herman Francke. Aqui, é claramente possível afirmar o caráter assistencialista que cerca a criação das escolas profissionais na França e Alemanha. Lembrando que, tais atuações foram desempenhados por membros da Igreja e que a diferença temporal é de apenas 19 anos (1679 por La Salle e 1698 por Hermann Francke).

CRONOLOGIA Linha do tempo La Salle (1651-1719)

- 1651 - Nascimento em 30 de abril em Reims, França;
- 1666 – Inicia as atividades eclesiais na catedral de Reims, na função de cônego;
- 1667 -1669 - Cursou Filosofia;
- 1667 - Iniciou a Teologia;
- 1669 - Ingressou no seminário de São Sulpício, em Paris, e continuou os estudos de Teologia na Sorbone;
- 1671 - Faleceu sua mãe;
- 1672 - Faleceu seu pai. Com isso, foi obrigado a interromper os estudos em Paris e retornar a Reims para assumir a tutoria de seus irmãos menores;
- 1673 - Retomou os estudos de Teologia na Sorbone;
- 1675 - Obteve o bacharelado em Teologia;
- 1680 – Obteve o doutorado em Teologia;
- 1679 – Abre a primeira escola na paróquia de São Maurício, Reims;
- 1680 - La Salle abriu mais uma escola na paróquia de São Sinfiriano;
- 1682 - Aberta mais uma escola, em Rethel, próximo de Reims; La Salle alugou uma casa e foi morar com os mestres;
- 1684 - Por ocasião das férias escolares, os Irmãos (mestres das escolas de La Salle) tiveram tempo adequado de reflexão e assumiram a denominação de Irmãos das Escolas Cristãs;
- 1685 - Para resolver o problema da qualificação dos mestres, La Salle iniciou com os mestres a preparação e ensino de técnicas para a docência. Certamente aqui reside uma das grandes contribuições de La Salle: a criação de uma escola de preparação de professores primários.

Nascia a Escola Normal, o Curso de Magistério;

1686 - La Salle e os principais Irmãos das sete escolas fizeram uma assembleia e decidiram fazer o voto de obediência por três anos com renovação anual;

1690 - Os Irmãos abriram uma escola em Paris, o que causou vários ataques por parte de mestres de outras escolas que cobravam anuidades;

1694 - Foram aprovadas as Regras Comuns que regiam a vida dos Irmãos nos quesitos canônicos, trabalho e vida em comum;

1702 a 1704 - La Salle publicou diversos manuais pedagógicos e catequéticos. Dentre os livros principais estavam as Regras do Decoro e da Urbanidade Cristãos;

1704 - Foi bastante penoso para La Salle porque teve que se defender nos tribunais de diversas acusações, sendo condenado a pagar valores altos e proibido de continuar com as escolas de Paris, levando os Irmãos a abandonar várias delas. Esse período de processo e condenações se arrastou até 1706;

1706 a 1710 - foram abertas várias outras escolas, até no Sul da França;

1710 - La Salle se refugia em Grenoble;

1714 – La Salle retorna a Paris e assume a função de animar a vida das comunidades e do Instituto;

1719 - La Salle faleceu em 07 de abril.

CRONOLOGIA Hermann Francke (1663-1727)

1663 - Nascimento em Lubeck (22 de março);

1685 - Graduação em Teologia;

1687 – Muda-se para Dresden e conhece Spener;

1690 – Torna-se pároco em Erfurt;

1691 - Expulso de Erfurt;

1694 - Junto com Spener decide criar uma instituição de ensino destinada a promover a formação de pastores e professores que lecionassem a teologia dentro dos cânones pietistas na cidade de Halle;

1694 - Assume a paróquia de Glaucha, localizada nas imediações de Halle;

1695 – Criar um orfanato em Halle;

1698 - Cria uma escola de artes e ofícios e um internato para as meninas que dentro em pouco atendiam mais de 500 crianças pensionistas (após sua morte recebe o nome de Organizações

Francke);

1698 - Nomeado professor de Teologia em Halle aonde já exercia a cadeira de Filosofia;

1706 - Com o apoio do governo dinamarquês envia missionários à Índia. A Missão Halle-Dinamarca, assim constituída enviou os alemães Heinrich Plutschau (1677 – 1747) e Bartholomäus Ziegenbalg (1682 – 1716) para missionar em Tranquebar;

1727 - Morre em Halle (08 de junho).

4.1. Educação Profissional na época de Francke e La Salle

Após análise do papel de cada personagem junto à educacional profissional, chega o momento de apontar como a educação profissional era tratada no mundo, antes de La Salle e Hermman Francke conseguirem fazer vingar uma escola profissional que tivesse continuidade.

Tanto La Salle quanto Francke viveram num período em que a educação estava bastante decadente. Estudar era uma condição para pouquíssimas pessoas, e a maior parte da população não tinha acesso. A pequena parte das escolas que atendiam crianças e jovens carentes estava na mão de padres em suas paróquias. Tanto que, ao pesquisar os personagens que dão início às propostas de um modelo de educação profissional, nos deparamos com sacerdotes. Carlos Démia, francês, antes de La Salle chegou a criar escolas que atendessem meninos pobres na diocese de Lyon, em 1672. Apesar de sua iniciativa e proposta terem perdurado enquanto vivo, seu trabalho não obteve continuidade. E além disso, as escolas criadas por Démia ofereciam uma educação básica aos alunos, primeiros meninos e mais tarde também às meninas, mas ainda não pode-se dizer que eram fundadas na ideia de formação profissional como os modelo propostos logo em seguida por La Salle e Francke. De qualquer forma, Carlos Démia deve ser mencionado, pois em uma França assolada pela desigualdade social, conseguir oferecer ensino gratuito para os pobres já pode ser considerado um grande feito. (TREZZI, 2009-2010)

A educação para crianças e jovens pobres parecia ser responsabilidade da Igreja e não do Estado, tanto que não existia institucionalização do ensino público, e as poucas escolas privadas que existiam eram bastante restritas pois eram caras. Os jovens e crianças sem condições de estudar vagavam pelas ruas, o que era visto por grande parte da população como um problema social. Os educadores que são citados como aqueles que efetivamente tentaram promover uma mudança na educação e popularizar o ensino, foram Carlos Démia e Compayré. Infelizmente, nenhum desses obteve sucesso em suas empreitadas. No entanto, suas ideias podem ter influenciado La Salle e Hermman Francke, apesar de nada oficial que os liguem ter sido encontrado. Apenas em comum o país e os ideais durante a segunda metade do século

XVII.

4.2. Atuações comparadas de Francke e La Salle

A função exercida pelos personagens La Salle e Hermann Francke são pontos primordiais na atuação de ambos como criadores das primeiras escolas de modelo profissionais no mundo.

O período analisado ainda mantém a forte tradição religiosa, na França a força católica de La Salle; na Alemanha os resquícios do modelo calvinista que originam o Pietismo do qual Hermann Francke foi adepto. Tanto um quanto o outro ocupavam cargos de destaque dentro de suas 'Igrejas', de prestígio, capazes de influenciar pessoas. Isso tudo em um período em que a maioria da população ainda era analfabeta ou possuía baixa escolaridade.

Além disso, as condições de vida e criação de Hermann Francke e La Salle eram mais abastadas, com maiores oportunidades e acesso às melhores escolas e Universidades da época.

Há ainda o caráter assistencialista da atuação de ambos. O assistencialismo, segundo o dicionário de Oxford, é a “doutrina, sistema ou prática (individual, grupal, estatal, social) que preconiza e/ou organiza e presta assistência a membros carentes ou necessitados de uma comunidade, nacional ou mesmo internacional, em detrimento de uma política que os tire da condição de carentes e necessitados.”

A definição de assistencialismo é o ponto chave das propostas perpetradas por ambos personagens. Nas duas atuações, a intenção é criar escolas para que os pobres recebam algum tipo de formação que os insira no mercado de trabalho. Para tanto, o modelo profissional do ensino.

Interessante notar que no caso de La Salle, inicialmente sua intenção era oferecer educação profissional para as crianças acolhidas em suas obras de caridade junto à comunidade eclesiástica. Ao se deparar com a falta de profissionais qualificados para exercer a função de educadores, La Salle se depara com a necessidade de criar uma escola que efetivamente formasse profissionais para atuarem como docentes. E tal formação, não afasta o caráter assistencialista, uma vez que, sua escola dependia de doações e inclusive contou com grande ajuda da herança recebida por La Salle.

Já Hermann Francke, na Alemanha, após aderir aos ideais Pietistas, vê na educação, uma oportunidade de propagar as propostas religiosas consideradas inovadoras de viés pietista. Com o intuito de se aproximar dos entes da comunidade, Francke vê na necessidade de criação de um orfanato que acolha as crianças abandonadas, a oportunidade de expandir a religião pietista. Isso não tira o mérito da oportunidade de formação oferecida, em grande parte, de graça

às crianças abandonadas. E dentro desse orfanato são criadas oficinas e oferecidas oportunidades de aprendizagem nos campos das fábricas.

O ponto em comum das duas atuações é o de fornecer uma formação para o trabalho. Nitidamente tanto na atuação de La Salle quanto de Hermann Francke se vislumbra o caráter formativo, profissional de educação oferecida pelas duas instituições La Salle e Francke.

4.3. Legados de Francke e La Salle

Quanto ao legado de La Salle, as escolas salesianas que surgem a partir de sua ideia inicial, dividem-se em escolas de ensino secundário, para os intelectuais e no ensino profissional, para os trabalhadores manuais.

É importante destacar que essa divisão, entre o ensino intelectual e o profissional traz a bagagem preconceituosa que aos poucos tem sido quebrada, onde é repartido o ensino intelectual do manual.

La Salle, através de sua missão eclesial buscava atender a população pobre, com auxílio de doações, para que conseguisse fornecer algum tipo de formação para o trabalho às crianças pobres. Para tanto, inovou na metodologia didática, traduzindo o catecismo do latim para a língua pátria, no caso dele, francês, e promoveu a mudança do ensino individual para o coletivo, formando profissionais do magistério para tanto.

Uma de suas grandes transformações foi oferecer aos operários, com idade inferior a 20 anos, o ensino da leitura, cálculo e escrita, para os ainda sem nenhum tipo de conhecimento e para os alfabetizados, geometria, desenho e arquitetura. E todos recebiam ensino religioso (CUNHA, 2005).

As escolas salesianas cumpriram tão efetivamente seu papel, que passaram a ser notadas até pelas classes mais abastadas. No final de sua vida, La Salle criou uma escola para atender os filhos dos nobres e da burguesia, que passou a funcionar como uma espécie de internato e promovia o ensino voltado para o comércio. O modelo criado, obteve grande êxito e despertou a atenção do Estado, que tinha interesse em criar um tipo de reabilitação para jovens delinquentes, e acreditavam que só a ordem dos Irmãos das Escolas Cristãs seria capaz de tal façanha. Com o patrocínio do Estado, foram construídas dependências específicas para essa finalidade. O ensino em tais dependências abrangia geometria, cálculos, desenhos e geometria, além das oficinas de trabalho que poderiam ensinar um ofício manufatureiro ou artesanal. Este sim, foi o modelo mais próximo do atual oferecido pois unia o ensino intelectual e o manual (CUNHA, 2005).

Ao analisar toda obra de La Salle, seu maior legado para a educação foi a formação de

professores. La Salle é considerado o criador da Escola Normal, para formação de professores. Tal afirmativa é de fácil comprovação, uma vez que, até os dias de hoje as premissas contidas nos Guias criados por La Salle são aplicados. Além disso, La Salle ao ser procurado para assumir as escolas que atendessem as crianças pobres da comunidade percebe que os professores não possuíam nenhum tipo de formação para tanto. Os professores, na maioria das vezes, eram pessoas minimamente alfabetizadas que, por não possuírem outro tipo de oportunidade de emprego, se prontificavam a trabalhar como professores, recebendo diretamente das famílias, pois não se falava em uma política pública de educação na França de Luiz XIV (TREZZI, 2009-2010).

Ao formar profissionais capacitados para a sala de aula, La Salle confecciona o Guia das Escolas Cristãs que será um dos grandes marcos para a formação de professores. Além de formar profissionais do magistério, La Salle promovia em suas escolas a formação intelectual e manual dos alunos. Tais alunos poderiam ser de qualquer classe social e nada lhes seria cobrado. Suas escolas viviam de doações. Portanto, além da formação de professores, La Salle formava seus alunos para o exercício de alguma atividade manual (TREZZI, 2009-2010).

O legado Lassalista está hoje espalhado pelo mundo, em mais de 70 países que ainda seguem seus princípios.

A pedagogia de La Salle chegou ao Brasil em 1907, trazida por um grupo de 12 Irmãos Lassalistas que chegaram ao Brasil a convite da Arquidiocese de Porto Alegre/RS. Ali, os Irmãos estabeleceram as primeiras comunidades educativas lassalistas e depois de 30 anos de muito trabalho na Região Sul, sua missão expandiu-se em direção ao centro do país. A missão e o ideal de vida dos Irmãos Lassalistas: a graça que foi o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs para a Igreja e a sociedade, nos seus primórdios, perpetua-se hoje por quase uma centena de países. Isso se dá não apenas pelos Irmãos das Escolas Cristãs, mas também por numerosos leigos que, lado a lado com os Irmãos, se inspiram na vida, missão, princípios pedagógicos e espiritualidade de La Salle. Graças a esse dom, a educação, com foco na formação integral, é oferecida por meio da escola lassalista aos que dela necessitam, sendo os pobres seus destinatários preferenciais. As características da educação lassalista: o ideal e a missão lassalistas contêm no seu cerne três características da educação desejada por La Salle: ele a quer universal, colocada à disposição de todos; popular, no sentido de atender prioritariamente aos mais necessitados como instrumento de promoção na vida; e integral, isto é, atenta ao todo da pessoa, à integração teoria-prática e à promoção simultânea da vida cristã e do ensino das ciências. Em síntese: formar bons cristãos e bons cidadãos. (CRISTIANS SCHOOLS, 2021)

Quanto a Hermman Francke, assim que faleceu, havia organizado um seminário, uma escola de contava com mais de 400 alunos e fornecia formação até o 2º grau, um orfanato que abrigava 140 crianças, um sítio para plantação de verduras e criação de animais, uma editora,

uma livraria, uma farmácia, um lar para viúvas, um refeitório que servia refeições diárias para 250 estudantes carentes da Universidade e 250 crianças pobres, várias escolas em outras cidades (ao modelo da Escola em Halle) e uma obra missionária na Índia. (BRITANNICA, 2021)

A Editora de Halle produziu, pela primeira vez, Bíblias em grande número por um preço considerado acessível. Francke aconselhava aos seus seguidores, que ao ler a Bíblia: ler sem pressa, para aprender como chegar à vida eterna; dialogar com Deus, sabendo que Deus também vai nos examinar, às vezes com provas difíceis, para verificar se aplicamos o que aprendemos. (BRITANNICA, 2021)

5 PRODUTO EDUCACIONAL

A partir da presente pesquisa, foi confeccionado o Produto Educacional que se segue. O Produto elaborado, foi desenvolvido com base no trabalho de pesquisa científica que envolve a origem da Educação Profissional no mundo. Tal produto foi desenvolvido para os estudantes do Ensino Médio Integrado e demais do Nível Médio dos Institutos Federais por todo o Brasil, para que conheçam um esboço do que engloba a origem de suas escolas de formação. O modelo foi elaborado tendo como base na obra do jornalista Caio Túlio Costa e será disponibilizado para toda rede de professores dos Institutos Federais.

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA
MPET
2022

INSTITUTO FEDERAL
Triângulo Mineiro
Campus Uberaba

João Batista de La Salle
La Salle
França
(1651 - 1719)

August Hermann Francke
Hermann Francke
Alemanha
(1663 - 1727)

- Quando, onde e como surgiu a Educação Profissional?
- Quem, por quê e o quê é a Educação Profissional?

PPGET

Autores:
Fábia Núbia Moura e Silva
Luciano Marcos Curi

Quando?

No final do século XVII em 1685 e 1695.

Onde?

Europa especificamente na França e Alemanha.

Quem?

Jean Baptiste La Salle e Hermann Francke.

Como?

Através da iniciativa de religiosos envolvidos com a construção de escolas populares.

Por quê?

Para atender a demanda escolar de crianças pobres desprovidas de oportunidades.

O quê?

Tipo de escolarização que prepara para o exercício de determinadas profissões.



Lisieux, França – Uma escola dos Irmãos La Salle. Fonte: Rousselet



Visão geral da Fundação Francke, Alemanha - BBC Imagens

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Profissional adquiriu grande importância nas últimas décadas e também avançou, em comparação ao passado, à medida que passou a preconizar e praticar os princípios da Educação Tecnológica.

A expressão Educação Tecnológica busca abarcar uma formação integral, que segundo Saviani aproxima-se do ideal marxista de Educação Omnilateral, onde ocorre a junção entre formação intelectual e manual (SAVIANI, 2007, p. 162).

Contudo, essas conquistas qualitativas precisam ser melhor conhecidas até para sua consolidação e proteção. Estudar os personagens que deram origem à Educação Profissional é uma forma de valorizar a aproximação histórica que ocorreu entre Educação Profissional e Educação Tecnológica ao longo do século XX e início do século XXI.

Mostrar a história da Educação Profissional de outrora com suas mazelas para valorizar as conquistas já realizadas e permitir que outras sejam construídas para o futuro.

Dentre os estudos recém-realizados merece destaque a dissertação produzida pela pesquisadora Camila Giordani, intitulado *Ensino Médio Integrado: politecnia à brasileira*, no programa de pós-graduação Profept do Instituto Federal do Triângulo Mineiro no ano de 2019, que reconstitui passos históricos e que menciona a origem e o desenvolvimento das primeiras escolas de Educação Profissional pelo mundo, com destaque para o Brasil. Além desta, podemos ainda destacar o trabalho produzido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP intitulado *Avaliação Da Educação Profissional E Tecnológica: Um Campo Em Construção* do autor Gustavo Henrique Moraes e outros.

Este trabalho buscou aprofundar na temática que envolve o surgimento da Educação Profissional no mundo, e para tanto parte da abordagem que considera os personagens envolvidos no modelo de Educação Profissional que prosperaram. Para isso, foram estudados La Salle e Hermann Francke.

Apesar da relevância das atuações de La Salle e Francke, nenhum deles tinha na educação uma prioridade. Eles foram religiosos e entendiam a educação como uma área afeta a sua condição religiosa. Tudo parece indicar que La Salle aprofundou mais sua ligação com a Educação, mas o embasamento dessa afirmação ainda carece de estudos futuros mais aprofundados. Ao longo da pesquisa surgiu o personagem Carlos Dêmia que, apesar dos esforços, não conseguiu deixar uma herança ativa após sua morte e carecerá de estudos futuros mais esclarecedores.

Importante ressaltar que o público das escolas de La Salle e Francke não era o mesmo

das Corporações de Ofício da época, dado que eram os “*desvalidos da sorte*” ou “*deserdados da fortuna*”, como ficaram posteriormente conhecidos e que, no geral, não eram acolhidos em tais corporações. As corporações abrigavam jovens aprendizes cujas famílias possuíam minimamente condições de pagar para receberem o ensinamento do mestre sobre o ofício. As escolas de La Salle e Francke acolhiam justamente aquele que não possuíam tal condição, deixando claro aqui, seu molde assistencialista.

Portanto, a História da Educação Profissional do tipo escolar esteve nas origens primeiras fortemente relacionadas ao atendimento da demanda educacional dos marginalizados, excluídos e órfãos.

É elogiável e notável o interesse de La Salle e Francke com a educação das crianças pobres e órfãs. Contudo, é preciso ressaltar que o projeto educacional deles não se ligava a uma educação emancipadora e que visasse promover o pleno desenvolvimento do indivíduo e sua personalidade (tipo *paideia*, *humanitas*, *bildung*, *politecnia* e *omnilateralidade*). Esses ideais já estavam disponíveis na época para as elites através das universidades já existentes e também através de educadores como João Amós Comênio (1592 – 1670). No caso de Francke e seu fervor e ardor religioso, que inclusive lhe causou problemas e expulsões em vida, era nítido que se utilizava da educação para promoção de seu credo religioso.

É preciso reconhecer que Francke e principalmente La Salle foram inovadores educacionais, cujas inovações consolidaram-se e tiveram continuidade, o que aliás, coincide exatamente com o conceito de inovação.

Ao longo da pesquisa não foi possível saber neste estudo, mas fica já indicado para o futuro, se La Salle e Francke tinham consciência e clareza ou se apenas presumiam ou desconfiavam dos impactos sociais das mudanças educacionais que estavam introduzindo. Veja bem, da questão de estender a escolarização aos mais pobres e da oposição que enfrentaram, principalmente La Salle. Essa é uma questão clássica para historiadores voltados para estudos biográficos: a questão da motivação pessoal, já que aqui estamos falando de dois religiosos fervorosos e ardorosos que, *a priori*, poderiam não captar com clareza a resistência social das empreitadas em que estavam envolvidos.

A ideia de ensinar aos órfãos pobres a preparação para o trabalho manual nas oficinas que La Salle e Francke e introduzi-los em suas escolas de “Primeiras Letras” é compreensível e condizível com a época que viveram e faz sentido à luz do preconceito da época, e até hoje existente, contra o trabalho manual. A comparação entre a atuação de La Salle e Francke e as escolas de Educação Profissional de Nilo Peçanha no Brasil, demandarão estudos futuros.

A aproximação de La Salle e Francke aos ideais pedagógicas de João Amós Comênio

(1592 – 1670) ainda carece de estudos mais aprofundados, embora alguns poucos autores, tenham comentários ligando principalmente Francke aos seus ideais.

Quanto ao curso Normal, inicialmente introduzido por Carlos Demia e depois por La Salle, o primeiro curso de Formação Profissional não-universitário da história, ou Ensino Técnico, é interessante observar que ele foi uma demanda imposta pela ideia original de escolarizar os mais pobres e também perceber-se facilmente que naquele momento histórico a ideia de escolarizar a “extrema pobreza” encontrava muitos dificultadores. Um deles, que é um problema até hoje existente, é a carência de professores com perfil pedagógico e conceitual, adequados à Educação Profissional.

Sendo assim, os objetivos inicialmente propostos foram atendidos e La Salle e Hermann Francke, até que surjam novas fontes divergentes, podem ser considerados precursores do modelo de Educação Profissional no mundo.

Precisamos ter estudos bem aprofundados sobre o surgimento da Educação Profissional e suas singularidades para rompermos com o hábito de nos limitarmos a poucas informações sobre este campo, algumas poucas constatações e entre estas, algumas delas muito imprecisas.

Outro tema que precisa ser aprofundado é a questão da religiosidade católica e protestante nas origens da história da Educação Profissional. Tudo parece indicar que entre os católicos a resistência foi maior do que entre os protestantes. Talvez isso se relacione com o fato de a educação pública ter se formado inicialmente no norte da Europa. Estudos futuros mais aprofundados nesta área serão muito úteis.

A análise histórica bibliográfica permitiu concluir a origem da Educação Profissional e compreender o porquê de tanto preconceito ainda ligado a tal modalidade de ensino. Uma modalidade de ensino que englobe de forma geral e sem discriminação social todas as camadas da sociedade claramente enfrenta as barreiras de uma sociedade discriminatória e excludente. Enfrentar tais barreiras não deveria ser papel de alguns poucos voluntários e sim de grande parte da população, que é justamente a reprimida. No entanto, sem estudos e oportunidades, como reconhecer esse lugar e suas oportunidades? Este estudo foi apenas um pequeno passo em busca de compreender os preconceitos e como driblá-los.

Afinal como nos ensina Cícero no século I de nossa era: “O primeiro dever do historiador é não trair a verdade, não calar a verdade, não ser suspeito de parcialidades ou rancores.”

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ronaldo. **O Bárbaro Como Construtor: Uma Rediscussão Historiográfica Das Migrações Germânicas À Luz Dos Conceitos De Cultura, Civilização E Barbárie.** Revista de História Comparada. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. v. 8, n. 2., 2014.

ARTES Mecânicas. **Enciclopédia Itaú Cultural De Arte E Cultura Brasileiras.** São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo33/artes-mecanicas>>. Acesso em: 24 de Jun. 2021. Verbete da Enciclopédia.

ARTES Liberais. **Enciclopédia Itaú Cultural De Arte E Cultura Brasileiras.** São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo32/artes-liberais>>. Acesso em: 24 de Jun. 2021. Verbete da Enciclopédia.

AZEVEDO, Luiz Alberto. SHIROMA, Eneida Oto. COAN, Marival. **As políticas públicas para a educação profissional e tecnológica: sucessivas reformas para atender a quem?** Rio de Janeiro, v. 38, nº 2, maio/agosto 20.

BELCHIOR, Rogéria Gomes. **Metodologia de pesquisa científica e educacional.** Vitória: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2009.

BROTHERS OF THE CHRISTIAN SCHOOLS. **St. John Baptist de La Salle.** 2021. Disponível em <<https://www.lasalle.org/en/lasallian-holiness/st-john-baptist-de-la-salle/>>. Acesso em: 07 de abril de 2022.

CALDART, Roseli Salette. **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CESCON, Juliane Panozzo. **Ensinamentos e aprendizados nas corporações de ofício de Portugal entre os séculos XVI e XIX na produção azulejar.** Temporalidades – Revista de História. Canoas – RS. Edição 23, V. 9, N. 1(jan./abril 2017)

CORBELLINI, Marcos. **La Salle e seu projeto educativo.** História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel. Pelotas, n. 20, p. 101-114, set. 2006. Disponível em: <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>>. Acesso em 22 de julho de 2021.

CORBELLINI, Marcos. **A sociedade das escolas cristãs nas origens.** 2019.

COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia. Uma moral provisória.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Pietismo: um desafio à piedade e à teologia.** Fides Reformata,, 1999.

CUNHA, Luis Antônio. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização.** 2ª ed. –

São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: FLACSO, 2005.

CUNHA, Luis Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo/Brasília: Editora da UNESP/FLACSO, 2005.

CUNHA, Luis Antônio. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo**. São Paulo/Brasília: Editora de UNESP/FLACSO, 2005.

CURI, Luciano Marcos. GIORDANI, Camila Cunha Oliveira. Politecnicia E Ensino Médio Integrado: Aproximações E Distanciamentos. **Revista brasileira da educação profissional e tecnológica**. v. 2, 2019.

CURI, Luciano Marcos. **Educação Profissional: sentidos, concepções, história, perfis e perspectivas**. In: *Jornal InterAção* (Semanaário de Notícias de Araxá – MG). Ano 18, nº 910, 30/10/2020, p. 02.

ETGES, Norberto J. **Conceito Do Trabalho, Construção Do Conceito E Trabalho Do Conceito**. UFSC. Perspectiva 17, 1992, pp. 79-96

FRANCO JR, Hilário. **O Feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GEREMEK, Bronislaw. **A piedade e a força – história da miséria e da caridade na Europa**. Lisboa: Terramar, 1995.

GONZALES, Pedro Chico. **Compartir la misió de San Juan Bautista de La Salle**. Valladolid: Lafalpp, 1990.

GIORDANI, Camila Cunha Oliveira. **Ensino Médio Integrado: politecnicia à brasileira**. 2019.

GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin (Org.). **Educação tecnológica**. Educação tecnológica: desafios e perspectiva. 3. ed., 1999.

HERAS, J. M. Gomez. **Teologia Protestante**. Disponível em: <<https://historiadaigreja-com.webnode.com/o/pietistas-sec-xvii-/>>. Acesso em 20 de jan. de 2022.

LE GOFF, Jacques. **Os Intelectuais na Idade Média**. Lisboa: Gradiva, 1983.

LE GOFF, Jacques. **Mercadores e banqueiros na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LE GOFF, Jacques. **O homem medieval**. Lisboa: Presença, 1989.

LE GOFF, Jacques. **A história deve ser dividida em pedaços?**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação pública**. São Paulo: S.A., 1959.

MAILLEFER, Francisco Elias. **Vida do Senhor João Batista de La Salle**. Canoas: La Salle, 1991.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação da Antiguidade aos nossos dias**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História Social da criança abandonada**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

MARTINS, Mônica de Souza N. **Entre a cruz e o capital: as corporações de ofícios no Rio de Janeiro após a chegada da família real (1808-1924)**. Ed. Garamond Universitária. Rio de Janeiro: 2007.

Medeiros Neta, Lima, Barbosa & Nascimento. **Organização e estrutura da educação profissional no Brasil: da reforma capanema às leis de equivalência**. Holos: 2018, ano 34, Vol. 04.

MOLLAT, Michel. **Os pobres na Idade Média**. São Paulo. 1989.

MORALES, Alfredo A. **Pedagogia lasalista – Associados para uma proposta educativa liberadora**. Lima: Industrial Gráfica, 2001.

O pano de fundo e a influência de Pietismo. **Britannica**, Londres, 21 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/education/The-background-and-influence-of-Pietism>> Acesso em 21 de junho de 2021.

OLIVEIRA, Terezinha. **Considerações sobre o trabalho na Idade Média**. Revista de História, São Paulo, nº 166, 2012.

PAULA, Eurípedes Simões de Paula. **As origens das corporações de ofício**. Revista de História, São Paulo, Vol. XXXII, ano XVII, 1966, nº 65.

PAULY, Evaldo Luis. CASAGRANDE, Cledes Antonio. CORBELLIN, Marcos Antonio. Entre omissão, desconhecimento e reconhecimento: João Batista de La Salle na pesquisa em educação no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. v. 23: e230079, 2018.

PEREIRA, Isabel Brasil. **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2.ed. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

POUTET, Yves; PUNGIER, Jean. **La Salle e os desafios de seu tempo.** (tradução Henrique Justo) Canoas: La Salle, 2001.

PIETISMO. **Portal Luteranos**, 04 de jun 2013. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/textos/august-hermann-francke-1663-1727>> Acesso em 21 de junho de 2021.

RANGEL, Mary; WESCHENFELDER, Ignácio Lúcio. **A didática a partir da pedagogia de La Salle.** Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

RUGIU, Antônio Santoni. **Nostalgia do mestre artesão.** Autores Associados. Campinas. SP: 1998.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação.** Campinas, v.12, n.32, jan. /abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação.** Campinas, v.14, n.40, jan. /abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

SANTOS, Maria de Fátima Ribeiro dos. **Metodologia da pesquisa em educação.** São Luís: UemaNet, 2010.

SIMPSON, J. (ed.). **Oxford English Dictionary.** 3ª ed. 2017

SCHWARTZ, Yves. **Conceituando O Trabalho, O Visível E O Invisível.** ENSAIO ESSAY. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 9, supl.1, p. 19-45, 2011.

TAGLIAVINI, João Virgílio. PIANTKOSKI, Marcelo Adriano. JOÃO BATISTA DE LA SALLE (1651-1719): um silêncio eloquente em torno do educador católico que modelou a escola moderna. **Revista HISTEDBR On-line,** Campinas, nº 53, p. 16-40, out 2013.

TREZZI, Clóvis. **A estética na Educação em São João Batista de La Salle.** Revela: Periódico de divulgação científica. Ano III, nº VI, Out2009/Jan2010. ISSN 1982-646X.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Martin Claret, 5ª ed., 2008.

YODER, Peter James. **Pietismo e os Sacramentos.** A Vida e a Teologia de August Hermann Francke. Parque Universitário: Pennsylvania State University Press. 2021.